

PRISCILA DAMARIS DE SOUZA NERY

**A ÍNDIA E O BRASIL: PERSPECTIVAS DE COMÉRCIO
BILATERAL**

Monografia apresentada como requisito
parcial para conclusão do curso de
bacharelado em Relações Internacionais do
Centro Universitário de Brasília

Orientador: Prof. Carlito Roberto Zanetti

BRASÍLIA

2008



PRISCILA DAMARIS DE SOUZA NERY

ÍNDIA E O BRASIL

Banca Examinadora:

Prof. Carlito Roberto Zanetti
(Orientador)

Prof. Alaor Silvio Cardoso
(Membro)

Profª Meireluce Fernandes
(Membro)

Brasília – DF

2008

RESUMO

Este trabalho visa abordar aspectos relacionados à Índia e suas peculiaridades e, sobretudo ressaltar algumas similaridades com o Brasil, no que concerne à aplicação das reformas comerciais ocorridas pós década de 1990. Vários fatores são levados em consideração para traçar um paralelo entre as duas economias são elas: a evolução do PIB (Produto Interno Bruto) - pós reforma a composição deste, em cada país, a renda per capita, suas dimensões territoriais e populacionais e as características da força trabalho. No que diz respeito ao comércio exterior, elementos como principais parceiros comerciais e principais produtos importados e exportados por cada nação são observados para desenhar o perfil econômico de cada um deles. A questão que surge está em identificar as possibilidades de oportunidades do comércio entre Índia e Brasil, o estreitamento de suas relações para além do comércio e os possíveis entraves que poderiam dificultar o aprofundamento desta parceria.

Palavras chaves: produto interno bruto, importações, exportações, intercâmbio, oportunidades, Índia e Brasil.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estrutura por idade da população indiana.....	12
Tabela 2 – Receitas, despesas e saldos fiscais consolidadas na Índia no período de 1985 – 1990.....	24
Tabela 3 – Produto Interno Bruto indiano (a preço de mercado).....	26
Tabela 4 – Composição do PIB indiano em 2007.....	26
Tabela 5 – Cotações médias anuais da rúpia em relação ao dólar norte americano.....	28
Tabela 6 – Indicadores socioeconômicos brasileiros.....	29
Tabela 7 – Evolução do comércio exterior brasileiro (1990-2007/ Janeiro a Setembro).....	29
Tabela 8 – Principais características entre os dois países.....	31
Tabela 9 – As dez maiores áreas geográficas mundiais em (km ²).....	31
Tabela 10 – As dez maiores populações mundiais (Julho 2007).....	32
Tabela 11 – Força de trabalho mundial em 2007.....	32
Tabela 12 – Evolução do PIB brasileiro – 1990 a 2000.....	35
Tabela 13 – Evolução do PIB brasileiro nos últimos anos.....	35
Tabela 14 – Composição do PIB brasileiro em 2007.....	36
Tabela 15 – Dados básicos e principais indicadores econômico-comerciais da Índia.....	38
Tabela 16 – Países que mais atraem Investimento Estrangeiro Direto.....	42
Tabela 17 – Distribuição por atividade econômica de aplicação dos recursos no Brasil.....	43
Tabela 18 – Intercâmbio comercial Brasil – Índia.....	46
Tabela 19 – Exportação Brasil – Índia- total por fator agregado.....	47
Tabela 20 – Exportações brasileiras para Índia – principais 20 produtos.....	48
Tabela 21 – Importações brasileiras – Índia- principais 20 produtos.....	49
Tabela 22 – Exportações indiana.....	50
Tabela 23 – Exportações indiana por destinos.....	51

Tabela 24 – Principais países exportadores à Índia.....	52
Tabela 25 – Exportações indianas – principais grupos de produtos.....	53
Tabela 26 – Principais exportações indiana por commodities.....	54
Tabela 27 – Origem das importações indiana.....	55
Tabela 28 – Principais procedências das importações indianas.....	56
Tabela 29 – Importação indiana – por principais grupos de commodities.....	57
Tabela 30 – Principais importações indiana por commodities.....	57
Tabela 31 – Importação indiana de petróleo.....	58
Tabela 32 – Importação indiana de produtos não-petrolíferos.....	58
Tabela 33 – Totais das exportações brasileiras de 2006 a 2007.....	59
Tabela 34 – Exportação brasileira por fator agregado em 2007.....	59
Tabela 35 – Exportações brasileiras em 2007 – por setores.....	59
Tabela 36 – Principais produtos brasileiros exportados em 2007.....	60
Tabela 37 – Principais mercados de destino das exportações brasileiras em 2007.....	61
Tabela 38 – Principais destinos das exportações brasileiras – 2007.....	61
Tabela 39 – Importação brasileira por categoria de uso – 2007.....	63
Tabela 40 – Principais mercados fornecedores ao Brasil – 2006/2007.....	63
Tabela 41 – Principais países fornecedores ao Brasil – 2006/2007.....	64
Tabela 42 – Comércio entre Índia e Brasil – 2006/2007.....	65

LISTA DE SIGLAS

- ALADI** – Associação Latino - Americana de Integração
- CEPAL** – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
- CIA** – Central Intelligence Agency
- CNI** – Confederação Nacional da Indústria
- EIU** – The Economist Intelligence Unit
- ET** – Empresa Transnacional
- FMI** – Fundo Monetário Internacional
- FTPA** – System on Foreign Trade Performance Analysis
- IED** – Investimento Estrangeiro Direto
- IPEA** – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- MDIC** – Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio
- MERCOSUL** – Mercado Comum do Sul
- MRE** – Ministério das Relações Exteriores
- OCDE** – Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico
- OMC** – Organização Mundial do Comércio
- PIB** – Produto Interno Bruto
- PNUD** – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
- SECEX** - Secretaria de Comércio Exterior
- TI** – Tecnologia de Informação
- UNCTAD** – United Nations Conference on Trade and Development

SUMÁRIO

RESUMO	3
INTRODUÇÃO	7
REFERENCIAL TEÓRICO	10
1 - INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A ÍNDIA	12
1.1 Aspectos sócio-culturais	15
<i>1.1.1 Cultura e religião</i>	16
1.2 Sobre as castas	17
1.3 História geral da Índia- pós invasão britânica	18
<i>1.3.1 Independência da Índia</i>	21
2 - CARACTERIZAÇÃO DA ECONOMIA INDIANA	23
2.1 As reformas econômicas na Índia pós-1991	25
<i>2.1.2 Produto interno bruto</i>	26
2.2. 2 Moeda	27
3 - UMA ANÁLISE COMPARADA ENTRE A ÍNDIA E O BRASIL	29
3.1 Algumas peculiaridades sobre o Brasil – pós 1990	29
3.2 Relações econômicas com a Índia	30
3.3 Perfil sócio-econômico dos dois países	30
3.4 Paralelos entre a economia Brasileira e Indiana	33
3.5 Comércio exterior	36
<i>3.5.1 Investimentos estrangeiros diretos (IED)</i>	39
3.6 Principais acordos regionais entre Brasil e Índia	43
3.7 Perspectivas de comércio entre Brasil e Índia	45
<i>3.7.1 Intercâmbio comercial Brasil - Índia</i>	45
4 - UMA ANÁLISE DAS LINHAS DE COMÉRCIO INDIANA E BRASILEIRA	49
4.1 Sobre a exportação da Índia	49
4.2 Sobre a importação na Índia	53
<i>4.2.1 Importação indiana por petróleo e produtos não-petrolíferos</i>	56
4.3 Sobre as exportações no Brasil	57
4.4 Sobre as importações no Brasil	61
4.5 Analisando o intercâmbio comercial entre Índia e Brasil	63
<i>4.5.1 Oportunidades de comércio entre os dois países</i>	64
CONCLUSÃO	68
REFERÊNCIAS	70
ANEXO	74

INTRODUÇÃO

A Índia e o Brasil são países em desenvolvimento, modernamente alcunhados de emergente, que buscam insistentemente uma melhor posição no cenário internacional. Estes países que em um primeiro instante se mostram tão diferentes entre si, em aspectos culturais, como língua e religião, ao mesmo tempo se tornam muito próximos diante às dificuldades comuns enfrentadas pelas economias em desenvolvimento, tais como, altas taxas de analfabetismo, má distribuição de renda e a adoção tardia de políticas de abertura comercial por ambos os países pós 1990.

Vale observar que mesmo com uma abertura econômica retardatária a Índia merece destaque no cenário internacional, não apenas pela sua promissora postura frente ao comércio internacional, como também pela sua elevada taxa de crescimento real de 8,4% em 2007, conforme mostrou o EIU¹ (The Economist Intelligence Unit).

A presente monografia tem como objetivo identificar a possibilidade de evolução do comércio bilateral entre Índia e Brasil, enfatizando as oportunidades e a *expertise* de cada um face ao comércio exterior. Como fatores acessórios ao entendimento desta problemática e a um melhor conhecimento da Índia, são apresentadas informações sócio-econômicas de ambos os países, de maneira comparativa, para permitir o destaque das diversidades entre as nações.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro abordará as informações gerais sobre a Índia, com dados atuais sobre o seu perfil social, geográfico,

¹ Empresa voltada para a investigação e consultoria na área comercial, fundada em 1946. Seu público alvo são empresas internacionais, instituições financeiras, universidades e agências governamentais.

cultural e religioso. Faz-se também, um breve apanhado histórico, tratando da história geral do país pós - invasão britânica até a sua independência.

No segundo capítulo, o estudo se concentrará em caracterizar a economia indiana, ressaltando a transição de um modelo econômico altamente protecionista, na década de 80, com o intuito de garantir antes de tudo o seu fortalecimento interno e industrial – para a liberalização dos anos 90, pois em 1991, a Índia decide ampliar as suas políticas comerciais, as quais visavam atingir reformas direcionadas às políticas industriais, de comércio exterior, investimento externo direto e movimentos de capitais. Além disso, o capítulo retratará a evolução da economia indiana pós-aplicação das reformas mencionadas, mediante a análise da evolução do PIB (Produto Interno Bruto), de sua composição e do fortalecimento da moeda nacional. Também serão mostradas no capítulo, algumas similaridades e diferenças das políticas econômicas adotadas na Índia e no Brasil.

Já no terceiro capítulo, faz-se uma comparação entre as duas economias, sobretudo, destacando a importância da abertura comercial ocorrida na década de 90 nos dois países. Serão observados elementos que compõem a economia de cada um, tais como: a distribuição da força de trabalho; o PIB; o setor mais atuante e a renda per capita. Logo após, inicia-se uma análise sucinta do comércio exterior dos países, chamando atenção para as relações comerciais entre eles, enfatizando seus principais produtos de importação e exportação, principais parceiros, e também a importância do IED (Investimento Estrangeiro Direto) para a Índia e Brasil, assim como, serão destacados os principais Acordos Regionais assinados entre as duas economias.

No quarto, e último capítulo, o comércio exterior dos países ganha destaque, com o objetivo de perceber o perfil exportador e importador de cada um e observar o *ranking*

dos principais parceiros comerciais, além da identificação dos principais produtos comercializados. Finalmente, será feita uma análise com base em informações de missões comerciais e em um estudo elaborado pela CNI (Confederação Nacional da Indústria), o qual analisou uma lista de produtos com chances de serem exportados para a Índia, a fim de identificar a existência de possíveis oportunidades comerciais entre as duas economias.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho foi escrito com o auxílio de livros, artigos e boletins governamentais sobre a economia indiana e brasileira, comércio exterior, vantagens do comércio internacional e a relação entre os dois países analisados.

De acordo com um dos livros, *Economia Internacional* (1998) - Dominick Salvatore, o autor destaca a importância do comércio internacional para qualquer país, tendo em vista a sua contribuição positiva para o bom desempenho e desenvolvimento das economias domésticas. Isto inclui a expansão dos mercados, englobando não só o intercâmbio de idéias e a aplicação de novas tecnologias, como também o estímulo ao fluxo internacional de capital de países desenvolvidos para países em desenvolvimento ou vice-versa. Demonstrará, também, que um livre mercado conduz aos participantes a uma expansão econômica mais eficaz no longo prazo. Desta forma, fundamenta-se a crença que o comércio bilateral entre Índia e Brasil, pode contribuir para o desenvolvimento destas economias.

Já, no livro *Comércio Exterior: Fundamentos Teóricos do Comércio Internacional* (2004), Cláudio César Soares chama atenção para o conceito científico das vantagens comparativas sob duas óticas, primeiramente de acordo com o modelo de David Ricardo e, em seguida, com base no teorema de Heckscher e Ohlin. De acordo como o primeiro modelo, o autor considera que haverá vantagens comparativas no comércio entre dois países, quando ambos se especializam na produção de bens, que trazem maiores benefícios para ambos, ou seja, levando em consideração que cada um tenha *expertise* na produção de todos os bens e que seja mais eficiente em relação ao outro, conseqüentemente, terá vantagem comparativa o país que produzir determinado produto com menos custo. Por outro lado, Heckscher e Ohlin, vão além do modelo citado, pois buscaram uma explicação para as diferenças do custo de produção de uma mesma mercadoria produzida em diferentes países

e para as razões do comércio. Desta forma, se no primeiro modelo o comércio acontece em função das diferenças de produtividade do trabalho entre as economias, no segundo, o comércio internacional existirá em função de cada país possuir diferentes disponibilidades de fatores produtivos, o que conduzirá os países a comerciar visando o bem-estar, mas com base nos produtos ditados pela maior abundância de fatores que lhe couber. Logo, esse modelo, realça que a diferença de fatores de produção entre os países é o grande motor que impulsiona o comércio internacional.

1 - INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A ÍNDIA

A Índia ou República da Índia, nome oficial é um País federal asiático, o qual localiza-se no Centro-Sul da Ásia, dispõem de uma área de 3.287.782 km, sendo o segundo País mais populoso do mundo (depois da China). Conforme dados obtidos na Central Intelligence Agency (CIA), abriga uma população de 1,129,866,154, dos quais 72% vivem em zonas rurais e 28% em zonas urbanas.

Sua estrutura populacional corresponde a:

Tabela nº 1 - Estrutura por idade da população indiana

Idade	Total (%)	Homens	Mulheres
0-14 anos	31,8	188,208,196	171,356,024
15-64 anos	63,1	366,977,821	346,034,565
65 em diante	5,1	27,258,259	30,031,289

Fonte: CIA (Central Intelligence Agency).

Ainda com base nos dados publicados pela CIA, também é importante observar as seguintes taxas: a taxa de crescimento populacional que atingiu 1.60% , no ano de 2007; tendo em vista que a taxa de nascimento equivaleu a, 22.69/1,0 e a taxa de morte de 6.58/1,0. Por outro lado, a taxa de mortalidade infantil permeou entre, 34.61 mortes/1,0 nascimento, sendo: 39.42 mortes/1,0 nascimento entre crianças do sexo masculino e 29.23 mortes/1,0 nascimento de crianças do sexo feminino. A expectativa de vida foi de: 68.59 anos (total populacional), sendo, 66.28 anos para os homens e 71.17 anos para as mulheres.

Em comparação a alguns países asiáticos em desenvolvimento, a Índia demonstra um baixo nível de urbanização, onde por volta de 67% da população vive em vilas, com menos de 5.000 habitantes. Entretanto, vale ressaltar que nos últimos anos tem

aumentado consideravelmente o número de pessoas que migraram das áreas rurais para as cidades.

As principais cidades são: Delhi, Mumbai (Ex Bombaim), Jaipur, Samode, Agra, Khajuraho, Varanasi, Bangalore, Madras e Calcutá. E segundo artigo publicado pela Revista da Madeira (REMADE)², em fevereiro de 2006, a população, em milhões de habitantes, das principais cidades corresponderam a: Mumbai -15, Calcutá – 12, Nova Delhi – 11, Chennai – 6, Bangalore – 5, Hyderabad – 5 e Ahmedabad com 3,7 milhões de habitantes.

A população indiana é caracterizada pela sua diversidade que vai desde a sua língua e religião à formação de classes sociais.

Dezoito idiomas são falados na Índia, sendo o Hindi o idioma oficial. O hindi é a língua mais utilizada, e o inglês é a língua preferida para assuntos comerciais. Já no estado de Goa, um dos menores da Índia, os principais idiomas falados são o concani, marati, inglês e o português³.

Com relação às práticas religiosas, atualmente, o país conta com o hinduísmo⁴ (80,5% da população), mulçumanos (13.4%), cristianismo (2.3%), siquismo⁵ (1.9%), outros (1.8%) e não especificados (0.1%).

Em termos de desenvolvimento humano, conforme dados apresentados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em 2006, a Índia se

² Revista especializada em análise de oportunidades comerciais internacionais, principalmente no segmento da indústria florestal.

³ O português é falado por 20% da população de Goa, devido ao fato da mesma ter sido uma colônia portuguesa até 1961.

⁴ Conjunto de ritos religiosos e práticas sociais e culturais dos indianos.

⁵ Religião fundada há mais de 500 anos possui cerca de 20 milhões de seguidores em todo o mundo. Originária da cidade de Punjab na Índia é a quinta maior religião do mundo. Tem como base a crença numa divindade transcendente, inexprimível, regida sobre a igualdade e bondade.

encontrava na 126^a posição, dentre os 177 países analisados, o que a caracteriza como um país em desenvolvimento. Vale ressaltar que cerca de 26% da sua população vive abaixo da linha de pobreza, ou seja, há dificuldades de se comparar o mínimo de fatores essenciais para a subsistência humana. Os que mais sofrem com tal disparidade social, são as pessoas das castas⁶ inferiores. Diante dos fatos é importante mencionar que o Índice de Desenvolvimento Humano⁷ no país em 2006, foi de 0,611 e sua renda per capita de US\$ 3.139.

Em função da grande diversidade cultural e até mesmo estrutural das classes sociais, o país ainda possui uma alta taxa de analfabetismo, apesar de a educação primária ser obrigatória por lei e o número total de crianças matriculadas nas escolas primárias, ter crescido gradualmente. Ainda assim, como disponibilizado na página eletrônica, Guia do Exportador, a taxa de alfabetização (de acordo com estimativa, 2003) permeou entre: 59,5% do total da população, sendo 70,2% homens e 48,3% mulheres, apesar dos intensos investimentos do governo na área de educação.

Por outro lado, conforme publicado no endereço eletrônico do Consulado Geral da Índia no Brasil, cerca de 79% das crianças entre 6-14 anos freqüentam a escola e o País também conta com aproximadamente duzentos e cinquenta e nove universidades, onze mil faculdades, oitocentos e trinta e nove mil pré-escolas e cento e dez mil escolas de nível médio. Além disso, dispõem de um bom número de profissionais efetivamente preparados e treinados, principalmente na área de tecnologia de informação.

⁶ Grupo social endógamo e hereditário que ocupa um lugar rigidamente determinado na hierarquia social. Definição obtida em: RODRIGUES, Diego; NUNO, Fernando. Dicionário Larousse da Língua Portuguesa. 1.ed. – São Paulo: Larousse do Brasil, 2005.

⁷ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa de riqueza, alfabetização, educação, esperança média de vida, natalidade e outros fatores. É uma maneira padronizada de avaliação e medida do bem-estar de uma população, especialmente o bem-estar infantil.

Com 3.287.782 Km², localizada no centro-sul da Ásia, limita-se ao noroeste com o Paquistão, ao norte com a China, Nepal, Bangladesh e Butão e por Mianmá ao leste. De formato triangular, ocupando a maior parte da região sul da península do subcontinente indiano, possui climas de monção (na maior parte do território), tropical, equatorial (ao sul), árido tropical (ao noroeste) e de montanha (ao norte). É um País com grandes diversidades físicas por possuir desde férteis planícies, ao norte e no centro, desertos a oeste e densas florestas tropicais ao nordeste. Seu clima apesar de ser considerado tropical de montanhas, apresenta variação ao longo do ano em todo o País.

A Índia tem como forma de Estado República Federal, o poder dispõe de um parlamento bicameral, onde o Chefe de Estado é eleito indiretamente por um colégio eleitoral para um mandato de cinco anos. No mesmo, o Poder Legislativo é exercido, pela Câmara do Povo (Rajya Sabha). Por outro lado, o Poder Judiciário é constituído pelo Supremo Tribunal.

O referido País obteve estabilidade em suas instituições políticas e continua pautando suas ações, de acordo com os princípios democráticos, previstos em sua constituição de 1950. O seu sistema multipartidário inclui partidos nacionais e regionais.

1.1 Aspectos sócio-culturais

A cultura indiana pode ser considerada com uma das mais antigas do mundo, muitos afirmam datar de mais de quatro mil anos.

Inicialmente, a Índia foi constituída por três etnias: negros (Dravidianos), orientais (Mongóis) e brancos (Arianos). No que concerne à religião há uma grande tolerância de crenças, em função, de sua diversidade cultural.

1.1.1 Cultura e religião

A diversidade de línguas, hábitos e religiões no país, não impedem que o indiano fuja de algumas de suas tradições como, conforme divulgou a enciclopédia virtual, “amor a sua pátria e orgulho de sua civilização ancestral”.

Afirma-se que o hinduísmo seja tão antigo quanto a civilização indiana, ele engloba um conjunto de tradições culturais e sociais, assim como a prática da filosofia e uma mistura de várias crenças. Também, vale a pena ressaltar que ele está intimamente ligado ao sistema de castas na Índia.

Outras religiões que estão fortemente presentes no país são o Islamismo, o qual tem como princípio a crença que “a existência humana é submissa a devoção à Alah”; o Siquismo, que é uma religião baseada em valores universais (como: amor, liberdade, amizade, etc.); o Budismo, que tem como base uma filosofia de vida guiada pelos ensinamentos de Buda, dentre outras.

A Ciência e a tecnologia, também estão ligadas à religião, em virtude de ser vista como “luz do conhecimento”, pois proporciona aos cientistas o caminho para o conhecimento. A grande contribuição destes fundamentos, ainda hoje é desfrutada, como, a matemática, sistema de numeração (indo-arábico); a fórmula de Bhaskara; e na tecnologia a exportação de Softwares.

Outra grande paixão da população indiana é a Indústria Cinematográfica, que diferentemente de outros países preservou a sua identidade não permitindo a invasão cultural de outras nações, ou seja, o cinema produzido lá é o retrato do país.

A auto-suficiência também se faz presente com relação aos alimentos, pois como os indianos possuem uma dieta vegetariana, em razão de considerarem a vaca como um animal sagrado, os pastos em sua maioria, dão lugar as áreas destinadas à agricultura.

Sendo assim, percebe-se que, quando se fala em religião na Índia, ela pode ser considerada com um fator determinante de expressão deste povo, que se manifesta em várias esferas da sociedade.

1.2 Sobre as castas

A antiga cultura indiana dividia a sociedade em quatro categorias, de acordo com a função exercida por cada um na sociedade, esse sistema recebeu o nome de Sanatana Dharma, mais conhecido como Castas, o qual apesar de oficialmente banido, há rumores que ainda é aplicado sob a sociedade.

No topo da pirâmide, estavam os Brâmanes, o qual segundo o hindu teria nascido da boca do deus Brahma, esses eram, os sacerdotes ou intelectuais caracterizados pela bondade, eles usufruíram historicamente de uma posição intelectual privilegiada e estiveram tradicionalmente envolvidos com os assuntos religiosos e administrativos da política indiana. O que na década de 50 impulsionou um forte movimento popular “anti-brahmanista”, que contestava a sua suposta superioridade e origem divina.

A casta posterior, os Xátrias ou guerreiros, teria nascido do braço direito do Brahma, eles ocupavam os mais altos cargos, políticos e militares do país, eram eles: os governantes, reis, autoridades, realeza e oficiais.

A terceira casta, criada a partir das coxas do deus, foi chamada de Vaixás e era composta pelos comerciantes e agricultores.

Por fim, nascidos dos pés de Brahma, estão os Sudras - escravos. E anos depois, uma quinta categoria nasce, os chamados “intocáveis”, ou, “sem castas”, estes por sua vez viviam às margens da sociedade desempenhando as tarefas consideradas impuras pela população, sendo assim, as atribuições classificadas “sujeiras” lhes eram atribuídas. Os sudras fazem parte do último *ranking* social da Índia.

Conforme mencionado, nota-se que o sistema de castas no país, diferentemente do que conhecemos como divisão de classes sociais, é na verdade “uma divisão de funções não baseada na posse de capital”, conforme exposto na enciclopédia virtual - Wikipédia, mas na religião.

1.3 História geral da Índia- pós invasão britânica

A imposição dos ingleses sobre a Índia inicia-se em 1773, quando a expansão territorial britânica adquire força e o parlamento britânico institui o cargo de Governador Geral da Índia, representada pelo Lorde Wellesley, o qual passa a aumentar os domínios da Companhia ao derrotar Tipu Sahib⁸, e com isso anexa Mysore na Índia Meridional e remove a influência francesa do território indiano.

Logo, em maio de 1857, ocorre a Revolta dos Sipaies, composta por soldados nativos (hindus e mulçumanos) do exército da Índia britânica, estes seguiram em massa até Delhi e ofereceram seus serviços ao Imperador mongol. Não obstante, o Norte e o Centro indiano mergulharam numa insurreição que durou um ano, dirigida contra a Companhia Britânica das Índias Orientais. O movimento contou com o apoio de outra parte da população e de reinos, o que favoreceu para sufocar a rebelião e retomar o controle do poder dos britânicos sobre a Índia.

⁸ Governante muçulmano de Mysore, filho e sucessor de Haidar Ali. Lutou em nome de seu pai, e liderou campanhas contra os britânicos.

O domínio britânico sobre o País tem início em meados de 1858, “quando os direitos da Companhia Britânica das Índias Orientais foram transferidos para a coroa britânica”, até 1947, ano em que o Reino Unido passou a soberania sobre o território para a Índia e Paquistão.

Também, vale à pena ressaltar, o período pós 1857, ano em que o país sofreu uma série de calamidades provocadas pela fome em regiões, como o Tâmil Nadu, Bihar e Bengala, causando a morte de 40 milhões de pessoas. A fome era resultado das secas naturais, assim como de políticas econômicas e administrativas britânica, a exemplo valem citar: a transformação das terras agrícolas em latifúndios estrangeiros, restrições ao comércio interno, alta tributação de cidadãos indianos para financiar expedições mal sucedidas no Afeganistão, medidas inflacionárias e exportações de safras indianas de produtos básicos para o Reino Unido. A indústria local, também foi acabada após a revolta deste período e a fome continuou até a independência do país.

Em meados da década de 1860, inicia-se o período de abertura dos portos comerciais da Índia com a Inglaterra em troca de bens europeus como: algodão, seda e chá.

Dessa forma, cada vez mais a Inglaterra erguia seus postos no país, tendo em vista que em meados do século XVII, estes já se encontravam instalados nas principais cidades indianas, como: Mumbai, Calcutá e Madras.

Em 1970, conforme informações mencionadas na enciclopédia virtual - Wikipédia, o Rei Carlos II, outorgou à Inglaterra o direito de adquirir território, formar exército, e exercer jurisdição em áreas sob o seu controle. Conseqüentemente, no final do século XVII a Companhia Comercial Britânica havia se tornado “um país no subcontinente indiano, com poderes militares e administrativos”.

Fato este que resultou após 1877, em uma centralização de poder cada vez maior nas mãos dos representantes ingleses, ao ponto que eram-lhes subordinados cargos de governo das províncias e serviço civil.

Em 1885, formou-se o Partido do Congresso Nacional Indiano, o qual tinha como objetivo buscar ampliar a participação indiana no governo, e com o mesmo propósito fundou-se em 1906, a Liga Mulçumana⁹.

No final do século XIX, passa a existir maior abertura aos cidadãos indianos para ingressarem ao governo do subcontinente, porém a elegibilidade ainda era restrita às classes mais altas da Índia.

Após a Primeira Guerra Mundial, a Índia concentrou esforços para exigir mais voz de seu povo dentro do poder, logo, tanto O Partido do Congresso Nacional Indiano, como a Liga Mulçumana, propuseram uma reforma constitucional que incluía “o conceito de eleitorados separados e a exigência de auto-governo”.

Sendo assim, em 1919, os britânicos apresentam algumas propostas de reforma como, ampliar autoridade dos Conselhos Legislativos Centrais e Provinciais, não satisfazendo as exigências políticas indianas, o que mais tarde resultou em uma grande revolta. A fim de controlar o movimento da oposição os britânicos reprimiam a imprensa, e para isso foi decretado o Rowlatt Act, lei que punia severamente qualquer manifestação pela independência. Com a morte de Jalianwala Bagh, em um massacre realizado pelo governo, os

⁹ A Liga Muçulmana nasceu como um movimento nacionalista laico e moderno. Seu principal dirigente no período colonial indiano foi Muhammad Ali Jinnah, que participava do movimento de independência do Congresso Nacional Indiano - dirigido por Mahatma Gandhi e Jawaharlal Nehru. Ela foi uma organização política na Índia britânica e que desenvolveu um papel importante na criação do Paquistão como um Estado islâmico dentro do subcontinente indiano.

líderes políticos Jawaharlal Nehru e Mohandas Karamchand, “Mahatma Ganhi”, e seus seguidores foram às ruas para pressionar por mudanças.

Logo, em 1935, houve a revisão da situação constitucional do país e foi estabelecida, a partir dessa data a autonomia das províncias, “transformando os Conselhos Legislativos em Assembléias Legislativas eleitas e apenas poucos assentos continuaram a ser preenchidos mediante indicação”.

1.3.1 Independência da Índia

Após a criação do Colégio Hindu (1817), em Calcutá, o estilo ocidental de ensino superior é inserido na Índia e com isso, a classe média é atraída pela “ideologia do nacionalismo e da democracia liberal”, segundo informações contidas em artigo da enciclopédia virtual, o que favoreceu a conscientização dessa classe e a tornou cada vez mais crítica.

Liderada por Mohandas Gandhi, a Índia conseguiu libertar-se do domínio britânico em 1947, após intensa campanha contra a presença dos ingleses no subcontinente, através de ações parlamentares, boicotes aos seus produtos e resistência ao pagamento dos impostos, e conforme mencionado por Eustáquio Sene e João Carlos Moreira (1998): “tudo sob o princípio de desobediência civil não violenta aos britânicos”.

Dessa forma, com a independência do País o Partido do Congresso, de maioria hindu, assume o poder sob a liderança de Jawarhalal Nehru, que em virtude da rivalidade política, incentivada pelos britânicos, foi exigido à criação do Paquistão, como Estado autônomo. Sendo assim, faz-se necessário a partilha das nações, a qual baseada em critérios religiosos provoca a migração de mais de 12 milhões de pessoas.

Conseqüentemente, choques entre hindus e mulçumanos tornam-se constantes, o que ocasiona a morte de aproximadamente 200 mil pessoas.

O Paquistão, por outro lado, cria uma divisão territorial em seu país que separa mulçumanos de hindus (Oriental e Ocidental). E em 1971, o Paquistão Oriental, torna-se um novo Estado independente, a atual Bangladesh.

O primeiro ministro Nehru, estendeu seu governo até 1964, porém o Partido do Congresso permaneceu no poder até 1996, e segundo Eustáquio Sene e João Carlos Moreira (1998): “[...] fato que historicamente, gerou conflitos com a minoria muçulmana no país”.

2 - CARACTERIZAÇÃO DA ECONOMIA INDIANA

A economia indiana que até meados da década de 80, foi dirigida sob um modelo altamente protecionista, com o intuito de garantir antes de tudo seu fortalecimento interno e com base industrial, hoje, caracteriza-se pelo dinamismo acentuando ao passo que tem se portado como um importante parceiro comercial.

Dessa forma, para melhor compreender esta transição de modelo econômico, será destacado o período pós-reforma (1990) até a data atual.

Segundo André Nassif (2006): “[...] a exemplo da maioria das economias retardatárias, a Índia até meados das décadas de 70 e 80, valeu-se de políticas domésticas comerciais voltadas para o seu fortalecimento interno”. Cujos, os impedimentos comerciais giravam em torno da: não liberalização comercial, a qual dificultava o investimento de capitais estrangeiros no país; controle excessivo ao licenciamento industrial; monopólio do governo na importação de alguns itens considerados como estratégicos e aplicação de altas taxas de impostos sobre o produto interno.

No entanto, foi no período de 1985-1990, sob as intenções do Primeiro Ministro, Rajiv Gandhi, que se inicia o primeiro ciclo de reformas econômicas o qual teve como objetivo, a eliminação gradual dos licenciamentos industriais e o relaxamento das licenças de importação.

Sendo assim, ainda com base em dados apontados por André Nassif, observou-se que o processo de liberalização e de reformas econômicas, assim como o crescimento da produção industrial evoluiu de 4,5% em 1985, para um ápice de 10,5% em 1990, o que permitiu certo grau de desenvolvimento do setor privado, e conseqüentemente

incentivou o investimento estrangeiro. Foi então, neste período que a economia indiana deu um salto no crescimento de 3,5% ao ano para 5,5%.

Porém de 1990-1991, com a crise do balanço de pagamento, ocasionada pela baixa competitividade comercial do país, o que resultou na queda das reservas cambiais para cerca de US\$ 1 bilhão, o Governo viu-se forçado a adotar medidas de liberalização mais eficientes e abrangentes. Neste mesmo período, o PIB (Produto Interno Bruto) apresentou um tímido crescimento e a Índia foi obrigada a recorrer ao FMI (Fundo Monetário Internacional) para remediar o déficit no Balanço de Pagamentos.

Em decorrência dos acontecimentos o Governo indiano viu-se forçado a enfrentar o seguinte desafio, conforme mencionado por André Nassif (2006): “[...] promover a estabilização interna e externa e propiciar condições estruturais [...]”, para que a economia voltasse a apresentar taxas positivas de crescimento.

Tabela nº 2 - Receitas, despesas e saldos fiscais consolidados na Índia no período de 1985-1990 (Em %)

Período	Receitas/PIB	Despesas/PIB	Saldos Fiscais/PIB
1985	13,8	22,3	-8,5
1986	14,4	23,7	-9,3
1987	14,4	22,8	-8,4
1988	14,1	22,7	-7,9
1989	14,8	22,7	-7,9
1990	13,5	22,6	-9,1

Fonte: Krueger e Chinoy (2002, p.15).

Diante dos fatos, o País percebeu a necessidade de realizar reformas as quais abrangessem uma nova maneira de se direcionar as políticas: industriais, do comércio exterior e câmbio, investimento externo direto e movimentos de capitais e no sistema financeiro e mercado de capitais.

2.1 As reformas econômicas na Índia pós-1991

As reformas econômicas na Índia¹⁰ consistiram basicamente em reaver políticas e estratégicas de investimento em três setores, foram eles:

- Política Industrial: consistiu na eliminação do regime de licenciamento industrial, exceto para os casos específicos que tratam da abertura à competição privada em setores de monopólio do Estado.

- Comércio Exterior e câmbio: os regimes de licenciamento sobre os produtos importados foram extintos, salvo para os derivados da agricultura e bens de consumo. Por outro lado, houve o incentivo à criação de Zonas Especiais de Exportação (ZEE's) e as Zonas de Processamento de Exportação (ZPE's).

- Investimento Estrangeiro Direto (IED): esta reforma teve como base, a liberalização do IED, em praticamente todas as áreas do comércio internacional indiano, com exceção de algumas áreas como a de defesa, transporte ferroviário e energia.

Após a aplicação das reformas, o reflexo positivo na economia foi percebido através da evolução do PIB, que em 1990 cresceu 6,1% anuais, tendo em vista que o mundo cresceu apenas 2,4 % e os países em desenvolvimento, 3,6% anuais. Logo, no ano de 2.000, foi acima de 5% anuais (conforme dados **World Bank**) e de 2003-2004: 8% ; 2004-2005: 7,5% e de 2005-2006: 8,4% .

¹⁰ Ver tabela I: As Reformas Econômicas na Índia Pós-1991

2.1.2 Produto interno bruto

Tabela nº 3 - Produto Interno Bruto indiano (a preços de mercado)

Descrição	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
PIB (US\$ bilhões)	414,5	442,7	461,1	480,6	496,8	596.1	692.7	805.6	922.3	1,124.0
Crescimento real(%)	6,0	7,1	3,9	5,4	4,2	8.4	8.3	9.2	9.4	8.4

Fonte: EIU. The Economist Intelligence Unit, Country Profile 2007

A economia indiana que antes era voltada para a agricultura, atualmente concentra-se principalmente nas áreas de serviço e indústria.

Tabela nº 4 - Composição do PIB indiano em 2007

Setor	Participação (%)
Agricultura	16.6%
Indústria	28.4%
Serviços	55%

Fonte: CIA (Central Intelligence Agency).

Tendo em vista, os seus três principais setores, vale ressaltar a sua importância, no papel econômico, que são:

a) Agricultura

O setor agrícola, juntamente com a silvicultura e a pesca, ainda compõe um bom desempenho na economia, sendo responsável por aproximadamente um terço do PIB e empregando 60% da força de trabalho.

Com cerca de 65% da área voltada para a produção de alimentos, seus principais produtos são: chá, algodão em pluma, trigo, arroz, tabaco, milho, cana-de-açúcar, especiarias, feijão, leguminosas(grãos), juta ; e na Pecuária – bovinos, caprinos, ovinos, suínos, eqüinos, camelos, búfalos e aves.

b) Indústria

Após as reformas adotadas pelo Governo em 1991, este setor modificou-se abruptamente, saindo do monopólio governamental através das privatizações para despontar no cenário comercial como uma potência emergente no setor industrial, principalmente no que versa à Tecnologia de Informação (TI), a exemplo vale citar a produção de Software.

A indústria de Software “foi a de maior crescimento na última década, com uma taxa que excedeu aos 50% anuais”, afirmam estudiosos. As exportações de serviços de software tiveram um aumento de 57%, partindo dos cerca de 4 bilhões de dólares em 1999 para aproximadamente 6 bilhões de dólares de 2000/2001 (conforme dados do **World Bank**, 2001).

C) Serviços

O setor de serviço concentra a maior parte do PIB indiano, sem contar que desde o início dos anos 90 constitui um dos principais itens da pauta de exportação do país (como mais adiante será visto) e conforme André Nassif (2006), este foi caracterizado como: “o motor dinâmico do crescimento indiano [...]”, pois desde o início dos anos 90, constitui um dos principais itens da pauta de exportação do país.

2.2. 2 Moeda

A unidade monetária indiana é a rúpia (RS) que é dividida em 100 centavos. Toda moeda estrangeira é convertida à taxa de mercado.

Tabela nº 5 - Cotações médias anuais da rúpia em relação ao dólar norte-americano

Moeda	2003	2004	2005	2006	2007
RS / US\$	46.583	45.317	44.101	45.3	41.487

Fonte: CIA (Central Intelligence Agency).

3 - UMA ANÁLISE COMPARADA ENTRE A ÍNDIA E O BRASIL

Assim como a Índia o Brasil, pós 1990 opta por reaver as suas políticas econômicas, fato este que influenciou favoravelmente o desempenho da economia brasileira e conseqüentemente nos anos posteriores percebe-se evolução do PIB.

3.1 Algumas peculiaridades sobre o Brasil – pós 1990

Tabela nº 6 - Indicadores socioeconômicos brasileiros

Indicadores socioeconômicos	2002	2003	2004	2005	2006
População (em milhões de habitantes)	176.4	179.0	181.6	184.2	186.8
Densidade demográfica (hab/Km)	20.6	20.9	21.2	21.6	21.9
PIB (US\$ bilhões)	460.8	505.5	603.8	795.7	947.9
Crescimento real do PIB (%)	1.9	0.6	4.9	2.3	2.9
Variação anual do índice de preços ao consumidor (%) (1)	8.5	14.7	6.6	6.9	4.2
Dívida Externa Total (US\$ bilhões)	233.1	236.6	222.0	185.8	182.4
Câmbio (US\$ / R\$) (1)	2.92	3.08	2.93	2.44	2.18

Fonte: Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Informação Comercial, tendo por base os dados da The Economist Intelligence Unit, Country Report, March 2007.

(1) Dado real.

Tabela nº 7 - Evolução do comércio exterior brasileiro (1990-2007/Janeiro a Setembro)

Período	PIB Brasil	Exportações (FOB)		Exportação Mundial (FOB)		Importações (FOB)			Saldo Comercial (FOB)
	US\$ Bi (A)	US\$ Bi (B)	Var. (%)	Part. (%) (B/A)	US\$ Bi (C)	US\$ bilhões (D)	Var. %	Part.% D/A	US\$ Bi (B-D)
1990	469,3	31,4	-8,6	6,7	3.395,3	20,7	13,1	4,4	10,8
1991	405,7	31,6	0,7	7,8	3.498,5	21,0	1,8	5,2	10,6
1992	387,3	35,8	13,2	9,2	3.708,0	20,6	-2,3	5,3	15,2
1993	429,7	38,6	7,7	9,0	3.725,1	25,3	22,9	5,9	13,3
1994	543,1	43,5	12,9	8,0	4.204,0	33,1	31,0	6,1	10,5
1995	705,4	46,5	6,8	6,6	5.042,0	49,8	50,5	7,1	-3,3
1996	840,3	47,7	2,7	5,7	5.308,0	53,3	7,1	6,3	-5,6
1997	871,3	53,0	11,0	6,1	5.518,0	59,7	12,0	6,9	-6,8
1998	844,4	51,1	-3,5	6,1	5.386,0	57,7	-3,4	6,8	-6,6
1999	586,8	48,0	-6,1	8,2	5.583,0	49,3	-14,7	8,4	-1,3
2000	645,0	55,1	14,7	8,5	6.295,0	55,8	13,3	8,6	-0,7
2001	553,8	58,2	5,7	10,5	6.031,0	55,6	-0,4	10,0	2,6
2002	504,4	60,4	3,7	12,0	6.306,0	47,2	-15,0	9,4	13,1
2003	553,6	73,1	21,1	13,2	7.365,0	48,3	2,2	8,7	24,8
2004	663,8	96,5	32,0	14,5	8.945,0	62,8	30,0	9,5	33,7
2005	882,7	118,3	22,6	13,4	10.186,0	73,6	17,2	8,3	44,7
2006	1.067,3	137,5	16,2	12,9	11.920,0	91,4	24,2	8,6	46,1
2007		116,6			13.052,0	85,7			30,9

Fonte: SECEX

3.2 Relações econômicas com a Índia

O comércio entre Brasil e Índia ainda é conforme afirmou Simão Davi Silber (2007): “muito tímido”. Um dos principais elementos de exportação do Brasil para a Índia, como mostrará o capítulo 4, concentra-se nos segmentos de produtos industrializados e básicos.

O Brasil, assim como a Índia tem como os seus principais parceiros comerciais os países desenvolvidos, são eles, segundo dados fornecidos pela CIA: Estados Unidos, o qual representa 16% das exportações nacionais, Argentina com 8.8%, China 7.1%, Alemanha 7.1%, Nigéria 4.3% e Japão com 4.2%.

Entre uma das maiores dificuldades, enfrentadas pelo Brasil, a fim de ampliar esta relação, encontra-se a política tarifária da Índia sobre os produtos a serem importados, estas são em média o dobro das aplicadas no Brasil.

Tabela nº 8 - Principais características entre os dois países.

Indicadores	Brasil	Índia	Média Mundial
Tempo para abrir um negócio (dias)	152	35	16,6
Número de procedimentos para abrir um negócio	17	11	6,2
Índice de rigidez da legislação trabalhista	42	41	33,3
Pagamento de impostos pelas empresas (% do lucro bruto)	71,7	81,1	47,8
Tempo para registro de contratos (dias)	616	1.420	351,2
Número de documentos para exportação	7	10	4,8
Tempo para encerrar um negócio (anos)	4	10	1,4
Posição na lista mundial de bom ambiente para os negócios	121º	134º	-----

Fonte: Banco Mundial

3.3 Perfil sócio-econômico dos dois países

O Brasil possui a 5ª extensão territorial, conforme ranking elaborado pela CIA (Central Intelligence Agency), sua extensão territorial é ocupada por um total de

190.010.647, habitantes. Já a Índia, apesar de possuir uma área menor, atualmente, é o segundo país mais populoso do mundo.

**Tabela nº 9 - As Dez maiores áreas geográficas mundiais em
(km²)**

Ranking	País	Km
1º	Rússia	17.075.200
2º	Canadá	9.984.670
3º	Estados Unidos	9.631.418
4º	China	9.596.960
5º	Brasil	8.511.965
6º	Austrália	7.686.850
7º	Índia	3.287.590
8º	Argentina	2.766.890
9º	Cazaquistão	2.717.300
10º	Sudão	2.505.810

Fonte: Área Geográfica da CIA – The World Fact Book 2008

Tabela nº 10 - As Dez maiores populações mundiais - Julho 2007

Ranking	País	Jul 2007 *
1º	China	1.321.851.888
2º	Índia	1.129.866.154
3º	Estados Unidos	301.139.947
4º	Indonésia	234.693.997
5º	Brasil	190.010.647
6º	Paquistão	164.741.924
7º	Bangladesh	150.448.339
8º	Rússia	141.377.752
9º	Nigéria	135.031.164
10º	Japão	127.433.494

Fonte: População da CIA (Central Intelligence Agency) – The World Fact Book 2008.

() Julho de 2007 é estimativa.*

Diante deste cenário, levando em consideração a densidade demográfica¹¹ dos dois países, vale à pena observar as estimativas com relação à força de trabalho¹², tendo em vista que, apesar de a Índia, acolher uma população 5 vezes maior que a brasileira, o Brasil detém uma força de trabalho 6 pontos percentuais maior do que o da Índia.

¹¹ É a medida expressa pela relação entre a população e a superfície do território, em quilômetros quadrado e geralmente aplicada a seres humanos.

¹² O número de pessoas em um determinado lugar que possui a capacidade de ser empregado e também pode ser considerado como a capacidade dos trabalhadores de produzirem riqueza material.

Tabela nº 11 - Força de trabalho mundial em 2007**(Milhões de trabalhadores)**

Ranking	País	Força	População	% Força
1º	China	798,0	1.321,9	60 %
2º	Índia	509,3	1.129,9	45 %
3º	Estados Unidos	151,4	301,1	50 %
4º	Indonésia	108,2	234,7	46 %
5º	Brasil	96,3	190,0	51%
6º	Rússia	73,9	141,4	52 %
7º	Bangladesh	68,0	150,4	45 %
8º	Japão	66,4	127,4	52 %
9º	Nigéria	49,0	135,0	36 %
10º	Paquistão	48,3	164,7	29 %

Fonte: CIA (Central Intelligence Agency) – The World Fact Book 2007

Segundo dados publicados pela CIA (com base em estimativa realizada em 2003), a distribuição setorial da força de trabalho indiana é: 60% na agricultura, 12% na indústria e 28% nas áreas de serviços. Diferentemente, para o Brasil a concentração setorial é: 20% na agricultura, 14% na indústria e os outros 66% nas áreas de serviços.

Os principais produtos agrícolas indianos são: arroz, trigo, soja, algodão, juta, açúcar, batata, carne bovina, de aves, de carneiros e de peixes; os brasileiros compreendem: café, soja, trigo, arroz, milho, cana-de-açúcar, cacau, frutas cítricas, carne bovina e de aves. As principais indústrias da Índia são: têxtil, química, processamento de alimentos, aço, material de transporte, cimento, mineração petróleo, máquinas e equipamentos de softwares; aqui destacam-se as indústrias de: têxteis, calçados, produtos químicos, cimento, madeira, minério de ferro, metais, aço, aviões, veículos automotores e auto-peças, máquinas e equipamentos.

A renda per capita¹³ do Brasil é quase três vezes a da Índia, em termos de paridade de poder de compra. Em 2007, o PIB per capita do Brasil atingiu US\$ 9,70 enquanto o da Índia foi de US\$ 2,70.

Por outro lado, o PIB em termos de paridade de compra da Índia, em 2007, alcançou US\$ 2.965 trilhões, deixando para trás o Brasil que no mesmo ano, obteve um total de US\$1.838 trilhões.

Com base nestas informações é importante mencionar, conforme dados do Banco Mundial, que comparou as economias de 146 países (em 18/12/2007) de acordo com a paridade do poder de compra¹⁴ dos países, verificou-se que 40% de todas as mercadorias e serviços produzidos saíram dos países em desenvolvimento e dessa forma, o Brasil saltou da sétima posição para a sexta economia do mundo. Os primeiros lugares ficaram com: 1º - Estados Unidos, 2º - China, 3º - Japão, 4º - Alemanha, 5º - Índia, 6º - Brasil, Reino Unido, França, Rússia e Itália e o 7º - Espanha e México.

3.4 Paralelos entre a economia Brasileira e Indiana

Assim como a Índia, o Brasil, pós 1990, optou pelo rompimento das políticas protecionistas, as quais eram baseadas na política de substituição de importação, com vistas a proteger a indústria nacional, por meio de barreiras aos produtos importados, tanto mediante a adoção de altas tarifas nominais como o estabelecimento de quotas. Proibições e diversos tipos de barreiras não tarifárias deram lugar a políticas voltadas à abertura comercial. Como resultado, segundo Luís Rossi Júnior e Pedro Cavalcanti Ferreira (1999) os principais

¹³ É o resultado da divisão do montante total da renda tributável pelo número de pessoas, em economia, indicador usado para medir o grau de desenvolvimento de um país.

¹⁴ É um método alternativo e eficiente para calcular o poder de compra da população de diferentes países no lugar de considerar apenas o câmbio.

instrumentos de proteção à indústria doméstica: “[...] passaram a ser a taxa de câmbio e as tarifas de importação”.

A partir daí o País tem experimentado um relevante crescimento em sua produtividade, a guisa de políticas liberais de comércio, o que inclui o fim das barreiras não-tarifárias e a diminuição gradativa das tarifas. Fatores estes que têm contribuído favoravelmente para o bom desempenho do País perante o comércio internacional principalmente, pelo fato do rompimento das políticas de proteção e abertura comercial.

Com o advento do Plano Real, em 1994, o sistema de tarifas passou a ser utilizado para disciplinar os preços domésticos através do aumento da competição externa. Vale citar três principais fatores que sustentaram este processo, conforme dito por Luís Rossi Júnior e Pedro Cavalcanti Ferreira (1999) foram eles: “a sobrevalorização do real ante o dólar, antecipação da tarifa externa comum do MERCOSUL e a redução tarifária realizada para pressionar os preços domésticos”.

Tabela nº 12 - Evolução do PIB brasileiro - 1990 a 2000

Período	US\$ Bilhões	Taxa Real (%)	Abertura Econ.
1990	469,3	-4,4	11,1
1991	405,7	1,0	13,0
1992	387,3	-0,5	14,5
1993	429,7	4,9	14,9
1994	543,1	5,9	14,1
1995	705,4	4,2	13,7
1996	840,3	2,2	12,0
1997	871,3	3,4	12,9
1998	844,0	0,0	12,9
1999	586,8	0,3	16,6
2000	645,0	4,3	17,2

Fonte: SECEX

Tabela nº 13 - Evolução do PIB brasileiro nos últimos anos

Ano	Em milhões de reais correntes	PIB Per capita, em reais correntes	Em milhões de dólares estadunidenses correntes	Taxa de variação real no ano
2001	1.198.736,19	6.896,35	509.796,80	1,31
2002	1.346.027,55	7.630,93	459.379,39	1,93
2003	1.556.182,11	8.694,47	506.784,16	0,54
2004	1.766.621,03	9.728,84	603.993,65	4,94
2005	1.937.598,29	10.519,88	795.924,37	2,30
2006	2.300.133,20	10.052,04	1.067.600,00	2,18
2007	2.558.000,00	13.515,00	1.260.098,52	2,03

Fonte: Banco Central do Brasil

Diante dos fatos, percebeu-se que após a aplicação de novas medidas econômicas, patrocinada principalmente pela estabilidade da moeda nacional, o Brasil entra num período de abertura comercial internacional, o que resultou em um aumento significativo do PIB na década seguinte a céus da diminuição da dívida externa e aumento no fluxo de reservas internacionais.

Atualmente, segundo dados informados pela CIA, o PIB (em termos de paridade de compra) do país ocupa o 11º lugar no ranking mundial, com um total de US\$ 1.838 trilhões. O Brasil, assim como a Índia concentra a maior parte de sua economia no setor de serviços.

Tabela nº 14 - Composição do PIB brasileiro em 2007

Setor	Participação (%)
Agricultura	5.1%
Indústria	30.8%
Serviços	66%

Fonte: CIA (Central Intelligence Agency).

Conforme mencionado no estudo, Estrutura e Dinâmica do Setor de Serviços no Brasil, realizado pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), observou-se que “o setor de serviços é de extrema importância no que diz respeito à criação de firmas e de empregos no Brasil”. Porém, no que concerne à participação do país no

comércio internacional, nota-se uma atuação ainda “pouco expressiva”, não passando de 0,5% do total comercializado em 2003. Entretanto, tem sido este setor um dos principais responsáveis pelo impulso ao PIB brasileiro, nos tempos atuais. Tendo em vista, que no ano de 2006, o setor cresceu 3,7%.

Os principais componentes do setor de serviço brasileiro concentram-se nos:

a-) Serviços de informação: telecomunicações, atividades de informática e serviços audiovisuais.

b-) Serviços de transportes: transportes ferroviário e metroviário, transporte rodoviário de passageiros, transporte rodoviário de cargas, transporte aquaviário e transporte aéreo.

c-) Serviços de engenharia e arquitetura.

d-) Serviços de publicidade.

O setor de serviços na Índia tem sido o grande impulsionador do crescimento do país, desde o início dos anos 90, assim como, constitui um dos principais itens da pauta de exportações, com destaque para as áreas de tecnologia da informação.

3.5 Comércio exterior

O comércio exterior da Índia, não foge à tendência adotada internacionalmente pelos países desenvolvidos e em desenvolvimento, que é a regionalização do comércio internacional, através dos acordos regionais.

Conforme já mencionado, em razão do dinamismo apresentado em sua economia, com um PIB total crescendo a uma taxa média de 6% ao ano, segundo dados publicados na página eletrônica – Global 21, o país tem se portado como importante parceiro comercial entre os países em desenvolvimento.

Segundo análise de Simão Davi Silber (2007) verificou-se que: “as exportações indianas correspondem a aproximadamente, 77,8% de produtos manufaturados, por outro lado, as importações estão menos concentradas neste setor, o qual representa um total de 53,8%”.

Com base em dados divulgados pela CIA (Central Intelligence Agency - estimativa 2007), o país conta com um total de US\$140.8 bilhões de exportações, sendo os principais produtos em pauta: produtos químicos e manufaturas de couro, mercadorias têxteis, pedras preciosas, jóias e bens de engenharia. Vale mencionar que produtos como software, eletrônicos e máquinas constituem os setores que obtiveram a maior taxa de crescimento. Os quatro principais países de destino das exportações indianas são os Estados Unidos com 17%, Emirados Árabes - 8.3%, China – 7.7% e Reino Unido - 4.3%.

No que concerne às importações, ainda com base em dados disponibilizados pela CIA, no mesmo período, a Índia importou um total de US\$ 224.1 bilhões, volume elevado e que tem gerado um déficit comercial para a sua economia ao longo de décadas. Os principais produtos em pauta são: óleo cru, pedras preciosas, maquinarias, fertilizantes e produtos químicos, sendo os seus principais parceiros, China – 8.7%, Estados Unidos – 6%, Alemanha 4.7% e Cingapura com 4.6% (dados de 2006).

Diante dos números das exportações e importações, vale a pena conhecer os indicadores econômicos da Índia, nos períodos que compreendem 1998 a 2006.

Tabela nº 15 - Dados básicos e principais indicadores econômico-comerciais (Índia)

Comércio Exterior (US)	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Exportações (fob)	38.410	44.304	44.343	50.503	61.119	75.385	97.918	58.589
Importações (cif)	47.712	52.794	51.884	65.618	74.070	99.835	134.690	87.432
Balança Comercial	-9.302	-8.490	-7.450	-15.11	-12.95	-24.45	-36.772	-28.84
Intercâmbio Comercial	86.122	97.098	96.318	116.121	135.189	175.221	232.608	146.021

Fonte: Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Informação Comercial, com base em dados do FMI - Direction of Trade Statistics (DOTS), CD version, December 2006.

No comércio bilateral, o Brasil representa apenas 1,1% das exportações da Índia e 1,2% das importações totais brasileira, segundo informações mencionadas em estudo publicado por Simão Davi Silber. Individualmente, sua colocação no ranking, de importância, como mercado de destino das exportações, o país Brasil ocupa o 24º lugar em ordem decrescente, o que reflete a necessidade de ampliação de mais parcerias comerciais entre os dois países. Diferente do Brasil, outras economias em desenvolvimento têm percebido a importância econômica e tecnológica do país já citado e o consideram como uma potencial fonte de importação, tendo em vista a relação custo benefício e tecnologia apropriada, a exemplo, vale citar a China, Cingapura e Hong Kong.

Os principais produtos indianos que são exportados para o Brasil, compreendem: produtos minerais, químicos, peles e couro e têxteis.

Com um setor privado forte, estabilidade econômica e um entre os grandes celeiros de mão-de-obra bem treinada, a Índia tem se destacado como umas das seis economias de maior crescimento do mundo, o que tem lhe favorecido despontar como um bom destino de investimento, visando oportunidades de negócio com retornos promissores.

Entretanto, vale a pena mencionar que é necessário uma maior aproximação entre o Brasil e a Índia, principalmente no tocante à liberalização do comércio, ampliando medidas de simplificações nos procedimentos de importação e exportação, além disso, outra grande dificuldade enfrentada por esse comércio concentra-se na distância geográfica entre estes países e seus meios de transporte. Pois, de acordo com os argumentos utilizados na página eletrônica - Análise e Comércio Exterior, em um artigo publicado em 02 de abril de 2008, foi definido como barreira ao intercâmbio comercial entre Índia e Brasil, a inexistência de “rotas aéreas ou marítimas com destino direto a Índia”, o que conseqüentemente aumenta os custos de logística para as exportações entre os países.

3.5.1 Investimentos estrangeiros diretos (IED)

3.5.1.1 Na Índia

A nova política adotada aos Investimentos Estrangeiros Direto, também é uma característica importante pós reforma em 1990. Tendo em vista que, até os primórdios desta década só eram permitidos os IED's que implicassem a transferência tecnológica.

Com a abertura comercial e a redução das restrições ao Investimento Estrangeiro Direto, o Governo indiano tem adotado políticas de atração para estes investimentos. Atualmente, a Índia permite o IED em praticamente todos os setores, com exceção de algumas áreas estratégicas como, defesa, transporte ferroviário e energia.

Tendo em vista a importância deste tema para sua economia, de acordo com Reinaldo Gonçalves (2005): “a Empresa Transnacional tem fontes extraordinárias de poder econômico e político, pode-se destacar que as empresas transnacionais têm enorme capacidade de mobilização de recursos em escala global”, ou seja, partindo do princípio de que a Empresa Transnacional (ET) é o principal agente de realização do Investimento

Estrangeiro Direto, faz-se necessário a aplicação de políticas adequadas e facilitadoras para a inserção destas empresas no país de destino.

Sendo assim, vale mencionar que o Governo utiliza como incentivo para as empresas privadas que desejam investir na área de Pesquisa e Desenvolvimento, mecanismos que visem diminuir os impostos. Isso também vale, para a importação de tecnologia do exterior, pois os gastos incorridos na aquisição de uma patente são incentivados através de mecanismos que permitem as empresas considerarem estas despesas com fins de impostos.

Os IED's têm acompanhado a tendência do comércio indiano que é voltado para as áreas de tecnologia de informação (TI), segundo afirma Davi Silber (2007), o mesmo também observou que na década de: “[...] 90 estes eram em sua maioria voltados para os setores químicos e de máquinas e equipamentos, ao passo que já no final deste período, os setores de serviço e computadores despontaram como líderes na captação do IED”.

De acordo com estudo publicado pelo Ministério da Indústria e Comércio, da Índia, foi investido no país, no ano de 2007, um total de US\$ 67.72 milhões de IED's. A maioria destes, na Índia, são oriundos dos seguintes países: Ilhas Maurícias, Estados Unidos, Reino Unido, Singapura, Holanda, Japão, Alemanha, França, Chipre e Suíça.

Ainda com base em dados levantados pelo mesmo estudo, observa-se que os setores os quais mais atraíram investimentos em 2007, foram os de serviço com um total de US\$ 21 milhões, softwares e hardwares – US\$ 11.78 milhões, telecomunicações – US\$ 2 milhões, construção – US\$ 4 milhões, indústria automobilística – US\$ 1 milhão, químico – US\$ 930 milhões, remédios – US\$ 970 milhões e a indústria metalúrgica com US\$ 7 milhões.

No *ranking* mundial, conforme divulgado pela CIA (*Central Intelligence Agency*), o país classifica-se no 34º lugar que mais atraí investimento direto estrangeiro. Por outro lado, em estudo apresentado pela UNCTAD (*United Nations Conference on Trade and Development*), no ano de 2007, o país encontra-se na segunda posição em se tratando dos países em desenvolvimentos.

Tabela nº 16 - Países que mais atraem o Investimento Estrangeiro Direto

Ranking	Economias	(%) Das empresas pesquisados
1º	China	52
2º	Índia	41
3º	Estados Unidos	36
4º	Rússia	22
5º	Brasil	12
6º	Vietnã	11
7º	Reino Unido	10
8º	Polônia	7
9º	Alemanha	7
10º	Austrália	6

Fonte: UNCTAD World Investment Report do ano de 2007.

A política de liberalização de IED na Índia, conforme mencionado por André Nassif pode ser avaliada como relativamente bem sucedida, principalmente pelo fato de ter atraído grandes conglomerados multinacionais e contribuir significativamente para o comércio exterior do país.

3.5.1.2 No Brasil

Assim como na Índia, foi na década de 1990 que o Investimento Estrangeiro Direto ganhou forte espaço nas políticas de comércio internacional brasileiro, em virtude do avanço dos processos de liberalização, desregulamentação e privatização. Conseqüentemente, desde então percebeu-se um crescimento expressivo no grau de internacionalização da produção brasileira.

Conforme mencionado por Reinaldo Gonçalves (2005) o autor considera como principais fatores determinantes do ingresso de IED no Brasil, as seguintes questões: “o processo de privatizações e a onda de fusões e aquisições envolvendo empresas privadas nacionais e a concessão de serviços públicos”. No que concerne à privatização de empresas estatais, é importante destacar o setor de infra-estrutura econômica e social, pois este foi um dos setores de maior importância para a ampliação das políticas de atração do investimento.

Em matéria publicada pela Protec (Sociedade Brasileira Pró-Inovação Tecnológica), em 09/01/08, observou-se que o Brasil é o segundo país, onde o IED mais cresceu no ano de 2007 e com base em estudo divulgado pela UNCTAD, no mesmo ano, a maior parte dos investimentos destinaram-se ao aumento da produção industrial. Assim como o Brasil, os demais países em desenvolvimento registraram um aumento de 15, 7% no IED, em relação ao ano anterior.

O fluxo total de recursos que entraram no país, conforme dados do Banco Central, no ano de 2007, foi de US\$ 33 milhões, o que representa 2% do total do IED mundial.

Tabela nº17 - Distribuição por atividade econômica de aplicação dos recursos no Brasil 2007

(US\$ Milhões)

Atividade Econômica	Ingressos
Agricultura, pecuária e extrativa mineral.	4.982,07
Indústria	12.166,08
Serviços	16.556,44
Total	33.704,58

Fonte: Banco Central

O ingresso IED no Brasil, conforme publicado pelo Banco Central - no ano de 2007, teve a seguinte distribuição por países de origem dos recursos, em milhões: Países

Baixos com o ingresso de US\$ 8.116,13, Estados Unidos com US\$ 6.039,19, Luxemburgo - US\$ 2.855,30, Espanha - US\$ 2.163,52, Alemanha – US\$ 1.756,78, Ilhas Cayman com o ingresso de US\$ 1.604,47, Bermudas – US\$ 1.497,57, França – US\$ 1.214,40, Reino Unido – US\$ 1.003,54, Suíça com US\$ 858,58 e Canadá com o ingresso de US\$ 818,35 milhões.

Diante destes dados pode-se observar que o Brasil assim como a Índia recebe maior parte dos seus investimentos para o setor de serviços. Porém, diferentemente da Índia, a concentração do IED neste setor, conforme mencionado por Reinaldo Gonçalves (2005): “[...] causa um sério problema de geração de divisas para a economia brasileira, pois este setor é de produtos não comercializáveis internacionalmente” o que de fato não acontece na Índia.

3.6 Principais acordos regionais entre Brasil e Índia

Brasil e Índia intensificaram suas negociações durante os anos noventa, desde então as parcerias comerciais entre os países têm evoluído gradativamente.

Em 1991, foi promulgado através do Decreto Legislativo nº 214, em 12 de novembro, o Acordo entre Brasil e Índia, destinado a evitar dupla tributação e a evasão fiscal. Esse Acordo abrange imposto de rendas e taxas adicionais (exceto imposto de renda complementar), seguindo as normas da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico).

Em 1997, os Governos brasileiro e indiano firmaram um Ajuste ao Acordo Comercial sobre medidas sanitárias e fitossanitárias, o qual se refere à melhoria da cooperação técnica e administrativa com o objetivo de controlar as doenças fitozoosanitárias e pragas, assim como, promover o comércio de produtos agrícolas e animais entre os países.

Brasil e Índia também assinaram, em 5 de julho de 2001, um Memorando de Entendimento para a Cooperação em Ciência e Tecnologia. O documento versa sobre projetos conjuntos de pesquisa e desenvolvimento, intercâmbio de especialistas para fins exploratórios, participação conjunta em *workshops*, simpósios e conferências.

Em 2002, os dois países assinaram um Memorando de Entendimento sobre a adição de etanol aos combustíveis, que previu a transferência do conhecimento técnico brasileiro no processo de fabricação de etanol. Este teve como principal objetivo promover a troca de experiências e de pesquisa conjunta sobre a adição de álcool ao diesel.

Além desses acordos e memorandos, Brasil e Índia participam do G-20 - grupo de países emergentes, criado em 20 de agosto de 2003, com o fim de pressionar a Organização Mundial do Comércio (OMC) nas questões de subsídios agrícolas nos países desenvolvidos. Os países membros correspondem a 60% da população mundial, 70% da população rural mundial e 26% das exportações agrícolas mundiais. No mesmo ano, Brasil, Índia e África do Sul criam o G-3, com o objetivo de aumentar o poder de barganha dos países em desenvolvimento nos fóruns internacionais.

Os Acordos regionais fazem parte de uma tendência do comércio internacional, comandado atualmente, por três grandes acordos: da América do Norte, Europa e Ásia. Porém, conforme artigo publicado pela CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), “além dos grandes acordos regionais existem aproximadamente duas centenas de iniciativas de menor porte e praticamente todos os países do mundo participam de um acordo regional”. Dentro desta perspectiva, encontram-se os acordos firmados entre os países em desenvolvimento de diferentes continentes, como é o Acordo Quadro assinado entre o MERCOSUL e a Índia, em Janeiro de 2004.

3.7 Perspectivas de comércio entre Brasil e Índia

3.7.1 Intercâmbio comercial Brasil - Índia

Tabela nº 18 - Intercâmbio comercial Brasil – Índia

(US\$ FOB)

Intercâmbio Comercial Brasil – Índia (US\$ mil FOB)	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Exportações Brasileiras	313.906.319	217.450.483	285.407.449	653.737.166	553.696.147	652.553.131	1.137.930.199	938.889.310	957.854.449
Var. (%) em relação ao ano anterior	116,7	-30,7	31,2	129,05	-15,3	17,85	74,38	-17,49	2,02
Part. (%) no total das expo. brasileiras para a Índia (**)	0, 65	0, 39	0, 49	1, 08	0, 76	0, 67	0, 96	0, 68	0, 60
Importações Brasileiras	170.041.723	271.355.071	542.790.833	573.183.730	485.743.994	556.069.715	1.202.914.200	1.473.951.621	2.164.928.069
Variação (%) em relação ao ano anterior (*)	-19,67	59,58	100,03	5,60	-15,26	14,48	116,32	22,53	46,88
Part. (%) no total das importações para a Índia (**)	0, 34	0,49	0,98	1,21	1,01	0,88	1,63	1,61	1,79
Saldo	143.864.596	-53.904.588	- 257.383.384	80.553.436	67.952.203	96.483.416	-64.984.001	-536.062.311	- 1.207.073.620
Corrente Comercial	483.948.042	488.805.554	828.198.282	1.226.920.896	1.039.440.091	1.208.622.846	2.340.844.399	2.412.840.931	3.122.782.518

Fonte: SECEX

(*) Variação % - Critério de Cálculo: Anual = Sobre o ano anterior na mesma proporção mensal/Mensal = sobre o mês anterior.

(**) Part. % - Participação percentual sobre o total geral do Brasil

Importação – Base Alice – Dez 07, País de Origem. Dados definitivos até Dez/96.

Exportação - Base Alice – Dez 07, País de Destino Final.

Diante dos números apresentados, é possível perceber que o intercâmbio comercial entre os dois países tem evoluído, apesar de este ser, notadamente, superavitário para o Brasil.

E conforme exposto na tabela abaixo o comércio do Brasil com a Índia concentra-se nos produtos manufaturados, por outro lado, a maior parcela das exportações

indianas para o Brasil é de bens intermediários, como químicos, orgânicos, óleo diesel e produtos agrícolas.

Segundo artigo publicado pelo Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio, brasileiro, em 24 de março de 2008, o comércio bilateral entre os países atingiu em 2007, US\$ 3,1 bilhões com déficit de US\$ 1,2 bilhão para o Brasil. Tendo em vista que os principais produtos em pauta de exportação brasileira concentraram-se em: óleos e soja em bruto (24,8%), minério de cobre (21,6%) e nos semifaturados de ferro ou aço (5,7%). Vale à pena ressaltar que a Índia é um país deficitário em suas relações comerciais com outros países, tendo em vista que exportou US\$ 120 bilhões e importou US\$ 175 bilhões, em 2006, “o que reforça a necessidade de aproveitar as boas oportunidades oferecidas para que se amplie a participação de produtos brasileiros naquele mercado”, conforme divulgou o documento.

Tabela nº 19 - Exportação Brasil - Índia – total por fator agregado
(US\$ - FOB)

Produtos	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Básicos	27.684.284	27.147.136	55.061.748	363.494.631	278.117.536	102.165.733	133.542.871	374.100.499	351.471.432
Semifaturado	83.674.837	80.606.011	131.013.425	187.686.387	147.824.831	289.554.667	475.477.388	185.324.278	291.235.712
Manufaturado	202.463.648	109.641.340	99.247.940	102.472.990	127.613.122	260.526.785	597.970.040	379.313.329	314.772.602

Fonte: SECEX

Exportação e importação do Brasil para Índia em 2007

a) Tabela nº 20 - Exportações brasileiras para Índia – principais 20 produtos

Descrição	Valor (US\$ FOB)	Participação (%)
Sulfeto de minérios de cobre	235.716	24,61
Óleo de soja (bruto), mesmo degomado	181.464	18,94
Outras formas de amianto (asbesto)	32.637	3,41
Outros minérios de cobre e seus concentrados	28.565	2,98
Ferronióbio	27.661	2,89
Dicloreto (cloreto de etileno)	25.795	2,69
Outros produtos semif. Ferro/Aço	22.600	2,36
Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados	19.431	2,03
Bombas injetoras de combustível	17.337	1,81
Acrilonitrila	13.526	1,41
Outras partes de veículos p/vias férreas	12.295	1,28
Trigo	10.525	1,10
Outs. Açúcares de cana, beterraba, sacarose Quim.Pura, Sol	10.509	1,10
Motor elétrico	10.332	1,08
Outros niveladores	9.882	1,03
Prod. Semifaturados de Ferro/Aço	9.035	0,94
Prod. Semif. de outras ligas de aço	8.451	0,88
Borracha de estireno-butadieno em outras formas primárias	8.146	0,85
Buteno não saturado	7.750	0,81
Pedras preciosas/semi. Em bruto, serradas ou desbastadas	7.369	0,77

Fonte: SECEX

a) Tabela nº 21 - Importações brasileiras/Índia – principais 20 produtos

Descrição	Valor (US\$ FOB)	Participação (%)
Gasóleo (Óleo Diesel)	1.084	50.08
Outs. Compostos heterocicl.	63.640	2.94
Fio texturizado de poliéster	40.811	1.89
Fio simpl. Poliésteres	39.072	1.80
Fio de fibras artificiais	36.852	1.70
Outros grupos eletrog. De energia eólica	27.039	1.25
Amoxilina e seus sais	21.962	1.01
Outras unidades de discos ópticos	20.470	0.95
Polipropileno sem carga, em forma primária.	17.704	0.82
Fio de fibras de poliésteres com fibras artificiais	12.940	0.60
Outras partes e acess. p/ tratores e veículos automóveis	12.872	0.59
Outros medicamentos c/comp. Heterocicl.	12.754	0.59
Fio algodão (85% cru)	10.826	0.50
Fio de fibras de poliésteres (85%, simples)	9.689	0.45
Corantes reagentes e suas preparações	9.679	0.45
Deltametrina	9.650	0.45
Pigmentos e suas preparações	9.069	0.42
Lamin. Ferro/aço	9.060	0.42
Outros álcoois ciclanicos, ciclenicos e cicloterpenicos	8.912	0.41
Outras lactonas	8.770	0.41

Fonte: SECEX

4 - UMA ANÁLISE DAS LINHAS DE COMÉRCIO INDIANA E BRASILEIRA

4.1 Sobre a exportação da Índia

Conforme dados disponibilizados pelo Ministério do Comércio e Indústria da Índia, no período de fevereiro 2008, as exportações do país atingiram o valor de US\$ 14237.43 milhões o que representou um crescimento de 35% em relação às exportações do mesmo período do ano anterior.

Tabela nº 22 – Exportações indiana

(US\$ Milhões)

Ano	Fevereiro	Fevereiro – Abril	Crescimento (%)
2006 - 2007	10526.67	112636.95	22.90
2007 – 2008	14237.43	138427.83	35.25

Fonte: Ministry of Commerce and Industry –Department of Commerce. Economic Division.

Do ponto de vista do destino das exportações, analisados no período de Abril/Dezembro de 2007 em se tratando de regiões, destacaram-se como os principais destinos das exportações indianas: a Ásia – que atingiu o total de US\$ 57,113.93 milhões com um crescimento de 24.87% em relação ao ano anterior; a Europa - que representou o total de US\$ 26,345.97 milhões, e demonstrou um aumento significativo, no mesmo período, de 27.56% em 2006; América – a qual acumulou US\$ 19,988,30, com um crescimento médio de 12.05% e a África - com US\$ 8,216.45 milhões e um aumento de 34.23% em relação ao ano anterior.

Tabela nº 23 – Exportações indiana por destinos**(US\$ Milhões)**

Destino	Abril/Dez – 2006	Abril/Dez – 2007	% Crescimento
Ásia	45,737.62	57,113.93	24.87
Europa	20,653.20	26,345.97	27.56
América	17,839.00	19,988.30	12.05
África	6,121.38	8,216.45	34.23
Comunidade dos Estados Independentes e Bálticos	1,070.71	1,249.65	16.71
Regiões Inespecíficas	162.44	450.40	23.78
Total	91,584.34	113,364.70	23.78

Fonte: Department of Commerce. System on Foreign Trade Performance Analysis (FTPA).

Vale ressaltar, que o total acumulado das exportações do ano de 2007, chegaram a US\$ 113,364.70, o que demonstra um crescimento contínuo das exportações do país as quais atingiram um total de 23% e, também, sinalizam mantê-lo diante dos dados preliminares de 2008.

Tabela nº 24 – Principais países exportadores à Índia**(US\$ Milhões)**

Ranking	País	Abril/Dez – 2006	Abril/Dez – 2007	Crescimento (%)
1º	Estados Unidos	13,973.06	15,235.17	9.03
2º	Emirados Árabes	8,939.56	11,418.74	27.73
3º	China	5,603.37	6,746.30	20.40
4º	Cingapura	4,780.40	5,133.64	7.39
5º	Reino Unido	4,103.93	4,901.29	19.43
6º	Hong Kong	3,265.04	4,438.93	35.95
7º	Alemanha	2,817.50	3,633.53	28.96
8º	Holanda	1,873.32	3,573.49	90.76
9º	Bélgica	2,434.22	2,996.97	23.12
10º	Itália	2,591.99	2,780.50	7.27
11º	Arábia Saudita	1,834.66	2,489.42	35.69
12º	Japão	2,050.83	2,463.88	20.14
13º	Sri Lanka	1,614.31	1,916.13	18.70
14º	França	1,515.78	1,834.53	21.03
15º	África do Sul	1,696.05	1,721.71	1.51
16º	Coreia	1,679.17	1,665.46	-0.82
17º	Iran	1,190.61	1,652.49	38.79
18º	Brasil	1,173.59	1,645.71	40.23
19º	Bangladesh	1,196.47	1,599.53	33.69
20º	Malásia	998.12	1,562.56	56.55
		91,584.34	113,364.70	23.78

Fonte: Department of Commerce. System on Foreign Trade Performance Analysis (FTPA)

Com relação à distribuição das exportações indianas por países vale a pena observar que os Estados Unidos, tem se mantido como principal destino dos produtos indianos, assim como, Emirados Árabes, China, Cingapura, Reino Unido, Hong Kong e Alemanha. Além destes países, é importante mencionar que com relação à posição do Brasil,

pode-se notar um aumento nas exportações entre estes países, tendo em vista que a taxa de crescimento alcançou 40.23%, em 2007.

Entre os principais grupos de produtos mais exportados nos anos de 2006 e 2007, destacaram-se: os bens de engenharia, produtos petrolíferos, produtos químicos, jóias e joalheria, agricultura e seus aliados, produtos marinho, minérios e minerais, couro, têxteis, bens eletrônicos e algodão cru. Por outro lado, quando se trata de uma análise por produto específico, nota-se a forte presença de envio do petróleo, máquinas, drogas farmacêuticas e equipamentos de transporte.

Tabela nº 25 - Exportação indiana - principais grupos de produtos

(US\$ Milhões)

Commoditie	Abril/Dez – 2006	Abril/Dez – 2007	Crescimento (%)
Bens de engenharia	19,097.14	23,66.71	20.79
Produtos petrolíferos	14,358.68	19,670.72	37.00
Produtos químicos e produtos conexos	13,423.91	15,635.28	16.47
Pedras preciosas	11,546.74	15,635.28	25.31
Têxteis	11,977.32	13,007.33	8.60
Agricultura	6,056.71	8,624.09	42.39
Minérios e minerais	4,627.27	5,620.53	21.47
Exportações não classificadas	2,296.16	4,333.66	88.73
Couro	2,228.36	2,449.43	9.94
Bens eletrônicos	2,153.98	2,372.75	10.16
Algodão cru	639.10	955.65	49.53
Plantação	673.19	661.40	-1.75
<i>Carpets</i>	703.86	646.58	-8.14
Artesanatos	336.93	324.03	-3.83
Bens de desporto	99.43	92.60	-6.87
<i>Project goods</i>	116.70	80.28	-31.20
	91,584.34	113,364.70	23.78

Fonte: Department of Commerce. System on Foreign Trade Performance Analysis (FTPA)

Tabela nº 26 – Principais exportações indianas por commodities**(US\$ Milhões)**

Commodities	Abril/Dez – 2006	Abril/Dez – 2007	Crescimento (%)
Petróleo (bruto)	14,358.68	19,670.72	37.00
Jóias e joalheria	11,546.74	14,468.68	25.31
Máquinas e instrumentos	4,885.31	6,102.94	24.92
RMG algodão incl. acessórios	4,920.77	5,185.01	5.37
Drogas farmacêuticas – fins químicos	4,286.87	5,133.72	19.75
Fábrica de metais	3,716.42	4,842.06	30.29
Equipamentos de transporte	3,341.62	4,708.46	40.90
Outras commodities	2,292.62	4,331.53	88.93
Fios de algodão e tecidos	3,099.93	3,375.86	8.90
Minério	2,575.37	3,259.04	26.55
Total das Exportações	91,584.34	113,364.70	23.78

Fonte: Department of Commerce. System on Foreign Trade Performance Analysis (FTPA).

4.2 Sobre a importação na Índia

As importações indianas ainda têm se mostrado maiores frente às exportações, o que tem gerado um histórico negativo em seu balanço de pagamento. Vale elucidar com os dados publicados pelo Ministério de Comércio e Indústria da Índia, o qual informou que durante fevereiro de 2008, as importações do país chegaram a US\$ 18466.45 milhões, que representou conseqüentemente, em um aumento de 30.53% diante as importações de 2007, as quais nesse período (fevereiro de 2007) somaram US\$ 14146.83 milhões. Já entre fevereiro – abril de 2008, este número saltou para US\$ 210895 milhões contra US\$ 161959.52 milhões, do mesmo período do ano anterior, que significou um crescimento de 30.21%.

Um dos fatores que tem contribuído para o aumento das importações é a compra de produtos como petróleo bruto e não-petrolíferos.

As importações indianas em 2007, atingiram US\$ 172,112.58 milhões, demonstrando um crescimento médio de 27.63%. Em se tratando das importações por região, nota-se a seguinte concentração: Ásia – US\$ 106,346.61, Europa – US\$ 35,468.35, América – US\$ 15,799.98, África – US\$ 11,091.66 e Comunidade dos Estados Independentes e Bálticos – US\$ 2,843.49 milhões.

Tabela nº 27 – Origem das importações indianas

(US\$ Milhões)

Região	Abril/Dez – 2006	Abril/Dez – 2007	% Crescimento
Ásia	82,392.77	106,346.61	29.07
Europa	27,111.33	35,468.35	30.82
América	13,057.68	15,799.98	21.00
África	8,954.01	11,091.66	23.87
Comunidade dos Estados Independentes e Bálticos	2,688.65	2,843.49	5.76
Regiões Inespecíficas	643.22	562.49	-12.55
Total	134,847.69	172,112.58	27.63

Fonte: Department of Commerce. System on Foreign Trade Performance Analysis (FTPA)

Tendo em vista os dados apresentados, a importação indiana por países, pouco difere da distribuição desta por região, entre as principais economias fornecedoras de produtos para a Índia, encontram-se: a China, Arábia Saudita, Estados Unidos, Emirados Árabes, Suíça, Irã, Alemanha, Austrália, Nigéria, Cingapura, Kuwait e Japão. O Brasil ainda representa uma parcela pouco expressiva nesta área do comércio, conforme dados informados pelo Departamento de Comércio indiano, o país ocupou em 2007, a 41ª posição em relação a ordem de importância dos destinos de investimentos indianos, esta transação representou um total de US\$ 701.96 milhões, a qual em comparação ao ano anterior sofreu um decréscimo de 8.21%.

Tabela nº 28 – Principais procedências das importações indianas e o Brasil

(US\$ Milhões)

Ranking	País	Abril/Dez – 2006	Abril/Dez – 2007	Crescimento (%)
1º	China	12,670.93	19,849.51	56.65
2º	Arábia Saudita	10,287.90	13,508.14	31.30
3º	Estados Unidos	7,720.59	10,055.95	30.25
4º	Emirados Árabes	6,513.99	9,687.29	48.72
5º	Suíça,	6,349.13	7,838.64	23.46
6º	Irã	5,716.35	7,253.91	26.90
7º	Alemanha	5,470.33	6,762.80	23.63
8º	Austrália	5,255.64	5,978.93	13.76
9º	Nigéria	5,645.79	5,680.94	0.62
10º	Cingapura	4,187.06	5,620.01	34.22
11º	Kuaiti	4,414.49	4,883.79	10.63
12º	Japão	3,294.50	4,546.27	38.00
13º	Malásia	4,023.73	4,460.49	10.85
14º	Iraque	4,465.96	4,397.44	-1.53
15º	Korea	3,580.93	4,278.65	19.48
16º	Bélgica	3,196.41	3,932.97	23.04
17º	Reino Unido	3,110.67	3,821.29	22.84
18º	Indonésia	2,810.13	3,484.22	23.99
19º	Itália	1,920.73	2,751.76	43.27
20º	África do Sul	1,941.16	2,683.60	38.25
41º	Brasil	764.77	701.96	-8.21
		134,847.69	172,112.58	27.63

Fonte: Department of Commerce. System on Foreign Trade Performance Analysis (FTPA)

Do ponto de vista dos grupos de commodities mais importados pelo país entre os anos de 2006 e 2007, estão: granéis, pérolas preciosas & pedras semi-preciosas máquinas e bens de projeto. Quando estes dados são analisados por produtos, percebe-se o expressivo crescimento da demanda do grupo de aço e ferro, assim como, os produtos de petróleo (bruto), o qual tem contribuído para o saldo negativo da economia deste país.

Tabela nº 29 - Importação indiana - por principais grupos de commodities**(US\$ Milhões)**

Commoditie	Abril/Dez – 2006	Abril/Dez – 2007	Crescimento (%)
Granéis	63,372.70	78,332.83	23.61
Máquinas	15,821.52	21,747.32	37.45
Pérolas preciosas & pedras semi-preciosas	5,922.27	7,134.01	20.46
Bens de projeto	1,358.90	1,188.62	-12.53
Outros	48,372.28	63,709.80	31.71
	134,847.69	172,112.58	27.63

Fonte: Department of Commerce. System on Foreign Trade Performance Analysis (FTPA)

Tabela nº 30 – Principais importações indianas por commodities**(US\$ Milhões)**

Commodities	Abril/Dez – 2006	Abril/Dez – 2007	Crescimento (%)
Petróleo (bruto)	43,978.31	54,399.83	23.70
Bens eletrônicos	11,896.66	15,143.54	27.29
Ouro	10,618.88	13,325.44	25.49
Máquinas (exceto elétrico & eletrônicos)	9,926.14	13,325.44	32.40
Pérolas preciosas & Pedras semi-preciosas	5,922.27	7,134.01	20.46
Ferro & Aço	4,240.71	6,153.40	45.10
Minérios metálicos e sucata	6,073.58	5,796.07	-4.57
Outras commodities	3,304.63	5,326.25	61.18
Químicos orgânicos	4,076.42	5,302.62	30.08
Equipamentos de transporte	3,380.58	5,045.84	49.29
	91,584.34	113,364.70	23.78

Fonte: Department of Commerce. System on Foreign Trade Performance Analysis (FTPA)

4.2.1 Importação indiana por petróleo e produtos não-petrolíferos

A importação por petróleo e produtos não-petrolíferos merece destaque, pois conforme publicado no endereço eletrônico do Ministério do Comércio e Indústria da Índia, os valores destas compras tem crescido e merecem ser observado.

A exemplo vale citar, o período entre fevereiro - abril de 2008, onde a importação de petróleo chegou a US\$ 66013.49 milhões, representando um aumento de 26.81% com relação às importações de 2007, no mesmo mês. Também é importante

menção as importações por produtos não-petrolíferos, que no mesmo período foi analisada e apresentou um crescimento de 31.83%, acumulando um total de US\$ 144881.50 milhões.

Tabela nº 31 – Importação indiana de petróleo
(US\$ Milhões)

Ano	Fevereiro	Fevereiro – Abril
2007	4495.64	52056.95
2008	6272.18	66013.49

Fonte: Ministry of Commerce&Industry – Department of Commerce

Tabela nº 32 - Importação da Índia de produtos não-petrolíferos
(US\$ Milhões)

Ano	Fevereiro	Fevereiro – Abril
2007	9651.19	109902.57
2008	12194.27	144881.50

Fonte: Ministry of Commerce&Industry – Department of Commerce

4.3 Sobre as exportações no Brasil

Assim como a Índia, o Brasil tem demonstrado forte interesse em conquistar seu espaço no comércio internacional, para isso têm buscado cada vez mais dar prosseguimento as políticas de abertura econômica.

Em 2007, as exportações brasileiras atingiram US\$ 160,6 bilhões, e apresentou um crescimento de 16.6%, em relação ao ano anterior, de acordo com dados publicados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) no Panorama do Comércio Exterior Brasileiro. Também, vale a pena mencionar que foi neste mesmo ano que o país apresentou o seu maior crescimento, frente à participação das exportações brasileiras nas exportações mundiais que foi de 1,164%.

A linha de exportação do país permanece com base em três categorias de produtos, que são os básicos, semifaturados e manufaturados. O Brasil assim como a Índia exporta mais produtos manufaturados. Vale ressaltar que, em 2007, as exportações destes bens responderam mais da metade da pauta total (52%). Com relação ao ano anterior, os produtos básicos cresceram em torno de 28,1%, os manufaturados, 11,9% e os semifaturados, 11,7%.

Tabela nº 33 – Totais das exportações brasileiras de 2006 a 2007

(US\$ Milhões)

2006	2007	Crescimento (%)
137.807	160.649	16,6

Fonte: SECEX/MDIC

Tabela nº 34 - Exportação brasileira por fator agregado em 2007

Participação (%)

Manufaturados	Básicos	Semifaturados	Op. Especiais
52,3%	32,1%	13,6%	2,0%

Fonte: SECEX/MDIC

Tabela nº 35 – Exportações brasileiras em 2007 – por setores

(US\$ Milhões)

	Valor	Participação (%)
Exportação Total	160.649	16,6
Manufaturados	83.943	11,9
Básicos	51.596	28,1
Semimanufaturados	21.800	11,7

Fonte: SECEX/MDIC

Dentro deste contexto geral é importante ter conhecimento dos principais produtos brasileiros exportados, em 2007, e com isso observa-se que alguns produtos coincidem com os principais produtos indianos importados, a exemplo valem citar: o petróleo

e combustível, minérios, máquinas e equipamentos. Segue a baixo os principais produtos brasileiros exportados em 2007.

Tabela nº 36 - Principais produtos brasileiros exportados em 2007

(US\$ Milhões)

Produtos	Valor	Crescimento (%) 2007/2006	Participação (%)
Material de transporte	23.865	16,6	14,9
Produto metalúrgico	16.100	9,6	10,0
Petróleo e combustível	16.042	23,4	10,0
Minérios	12.026	23,3	7,5
Complexo de soja	11.386	22,3	7,1
Carnes	11.095	30,3	6,9
Químicos	10.914	19,5	6,8
Máquinas e equipamentos	8.724	12,5	5,4
Açúcar e álcool	6.578	-15,4	4,1
Equipamentos elétricos	5.712	-2,3	3,6
Papel e celulose	4.726	17,9	2,9
Calçados e couro	4.389	9,7	2,7
Total	160.649	16,6	

Fonte: SECEX/MDIC

Do ponto de vista dos destinos das exportações o destaque positivo das vendas brasileiras foi para a União Européia que atingiu, conforme dados do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o valor de US\$ 40.428 milhões em 2007. Fato este que demonstrou um crescimento importante de 30,2% (em relação ao ano de 2006), e que desempenhou um papel positivo nas exportações do Brasil, pois contribuiu com 25% das exportações totais do país. Além da União Européia, outros países como, Ásia e Estados Unidos também contribuíram para o bom desempenho das remessas dos produtos brasileiros em seus mercados.

Tabela nº 37 - Principais mercados de destino das exportações brasileiras em 2007**(US\$ Milhões)**

Mercados	Valor	Crescimento (%) 2007/2006	Participação (%)
União Européia	40.428	30,2	25,2
Aladi	34.426	15,6	22,7
-Mercosul	17.354	24,1	10,8
-Demais blocos	19.072	8,9	11,9
Estados Unidos	25.314	2,2	15,8
Ásia	25.086	20,5	15,6
África	8.578	15,0	5,3
Oriente Médio	6.399	11,3	4,0
Europa Oriental	4.309	10,7	2,7
Total	160.649	16.6	

Fonte: SECEX/MDIC

Quando os dados das exportações brasileiras são analisados por países, verificamos que os Estados Unidos, Argentina, China, Países Baixos, Alemanha, Venezuela, Itália e Japão, são as principais economias que recebem os nossos produtos, a Índia ao contrário destes países, como já visto no capítulo anterior, ainda possui uma participação muito pequena das exportações brasileiras, ou seja, apenas 0,60% em 2007, totalizando US\$ 957.854 mil (FOB).

Tabela nº 38 - Principais destinos das exportações brasileiras – 2007**(US\$ Milhões)**

Países	Valor	Crescimento (%) 2007/2006	Participação (%)
Estados Unidos	25.314	2,2	15,8
Argentina	14.417	22,8	9,0
China	10.749	27,9	6,7
Países Baixos	8.841	53,8	5,5
Alemanha	7.211	26,7	4,5
Venezuela	4.724	32,5	2,9
Itália	4.464	16,4	2,8
Japão	4.321	11,0	2,7
Chile	4.264	9,0	2,7
México	4.260	-4,4	2,7
Bélgica	3.886	29,7	2,4
Rússia	3.741	8,7	2,3
Total	160.649	16.6	

Fonte: SECEX/MDIC

4.4 Sobre as importações no Brasil

A pauta de importação brasileira nos últimos anos tem apresentado uma característica peculiar que é a correlação com o investimento produtivo nacional, o que não foge à realidade de economias em desenvolvimento, como é o caso dos países em análise (Índia e Brasil).

Em 2007, conforme publicado pelo Panorama do Comércio Exterior Brasileiro, desenvolvido pelo MDIC, as importações brasileiras atingiram a cifra de US\$ 120,6 bilhões, maior valor já alcançado nos últimos anos, o que conseqüentemente gerou um superávit de US\$ 40,0 bilhões para a economia do país.

Com relação ao ano de 2006, esta transação comercial cresceu em torno de 32%, ou seja, bem maior que o crescimento das exportações.

As importações brasileiras compreendem as seguintes compras: matérias-primas e intermediárias – a qual correspondeu a 49 % do total das importações; e bens de capital – representando 20,8% do total importado em 2007. Já em comparação ao ano de 2006, o Panorama chama atenção para este crescimento, os quais foram, a importação de bens de consumo que aumentou 34,0% , as compras de matérias-primas e intermediárias representando 31,2%, as de bens de capitais 32,7% e as de combustíveis e lubrificantes que cresceram em média 32,1%.

Tabela nº 39 - Importação brasileira por categoria de uso – 2007**(US\$ Milhões)**

	Valor	Crescimento (%) 2007/2006	Participação (%)
Importação Total	120.621	32,0	100,0
Bens intermediários	59.409	31,2	49,3
Bens de capital	25.120	32,7	20,8
Petróleo e combustível	20.068	32,1	16,6
Bens de consumo	16.024	34,0	13,3

Fonte: SECEX/MDIC

Os principais mercados fornecedores de produtos para o Brasil, em 2007, foram: Ásia – que gerou ao Brasil a despesa de US\$ 30.715 milhões, União Européia – US\$ 26.736 milhões, Aladi – US\$ 20.581 milhões, Estados Unidos – US\$ 18.887 milhões, África – US\$ 11.333 milhões, Oriente Médio – US\$ 3.205 e Europa Oriental – US\$ 2.766 milhões. Com relação à distribuição das despesas brasileiras por países os Estados Unidos ainda é a economia que mais recebe do Brasil, em seguida, a China, Argentina, Alemanha, Nigéria, Japão, França e etc.

Tabela nº 40 - Principais mercados fornecedores ao Brasil – 2007/2006**(US\$ Milhões)**

Mercados	Valor	Crescimento (%) 2007/2006	Participação (%)
Ásia	30.715	34,2	25,5
União Européia	26.736	32,3	22,2
Aladi	20.581	26,4	17,1
-Mercosul	11.630	29,7	9,6
-Demais blocos da Aladi	8.951	22,4	7,4
Estados Unidos	18.887	27,5	15,7
África	11.333	39,7	9,4
Oriente Médio	3.205	1,3	2,7
Europa Oriental	2.766	92,9	2,3
Total	120.621	32	

Fonte: SECEX/MDIC

Tabela nº 41 - Principais Países Fornecedores ao Brasil – 2007/2006**(US\$ Milhões)**

Países	Valor	Crescimento (%) 2007/2006	Participação (%)
Estados Unidos	18.887	24,5	15,7
China	12.618	57,9	10,5
Argentina	10.410	29,3	8,6
Alemanha	8.675	33,4	7,2
Nigéria	5.273	34,6	4,4
Japão	4.610	20,1	3,8
França	3.525	24,2	2,9
Chile	3.525	24,2	2,9
Coréia do Sul	3.391	9,2	2,8
Itália	3.347	30,2	2,8
Taiwan	2.285	30,7	1,9
Argélia	2.234	13,4	1,9
Total	120.621	32	

Fonte: SECEX/MDIC

4.5 Analisando o intercâmbio comercial entre Índia e Brasil

Em 2007, Índia e Brasil registraram uma corrente de comércio “recorde”, conforme publicado no site Portal do Exportador (do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior), de US\$ 3,12 bilhões, valor este que representou um aumento de 29,4% nas negociações entre os dois países, em comparação ao ano de 2006, quando este total atingiu a US\$ 2,41 bilhões. Conforme já mencionado no capítulo anterior, o saldo comercial em 2007 foi deficitário para o Brasil em US\$ 1,21 bilhão.

As exportações brasileiras para a Índia, em 2007, alcançaram US\$ 957,9 milhões o que resultou em um crescimento de 2% sobre o valor somado em 2006, US\$ 938,9 milhões. Porém, no ano de 2006 a Índia ocupou a 32ª colocação dos destinos das exportações brasileiras, já em 2007 esta colocação saltou o 35ª lugar. Os setores dos produtos que compreenderam as exportações brasileiras para o país em análise, foram: 63% de produtos industrializados e 36,7% de produtos básicos.

Por outro lado, estão as importações do Brasil procedentes da Índia, que em 2007 somaram US\$ 2,16 bilhões, valor este que implicou em um crescimento de 46,9% em relação ao ano anterior, o qual totalizou US\$ 1,47 bilhão. Vale ressaltar, que este aumento também atingiu a participação de produtos indianos nas importações brasileiras, a qual demonstrou um crescimento de 1,61% para 1,79%. Os produtos mais importados pelo Brasil da Índia foram: 98,6% bens industrializados e 1,4% de produtos básicos.

Tabela nº 42 - Comércio entre Índia e Brasil – 2006/2007

(US\$ Milhões)

Comércio Índia – Brasil	2006	2007
Exportações Brasileiras para a Índia	938,9	957,9
Importações do Brasil da Índia	1,47	2,16
Corrente de Comércio	2,41	3,12

Fonte: Portal do Exportador

4.5.1 Oportunidades de comércio entre os dois países

O governo, brasileiro e indiano tem intensificado suas negociações, a fim de estreitarem suas relações comerciais, a exemplo, vale citar os Acordos Regionais já assinados entre os países e as missões comerciais empresariais realizadas entre ambos apoiados pelos seus governantes.

Com o objetivo de ampliar o intercâmbio comercial entre os dois países, em 25 e 26 de março de 2008, representantes do governo brasileiro e indiano, em conjunto, com empresários participaram de mais uma missão empresarial à Índia, onde reuniram esforços para intensificarem suas relações comerciais, sobretudo, nas áreas de máquinas e equipamentos, como: equipamentos médicos, hospitalares e odontológicos; móveis e artefatos de madeira; pisos e revestimentos; eletro-eletrônicos; *software* e componentes para couro e calçados.

Após esta missão foram identificados três setores potenciais para o intercâmbio entre os países, foram eles: “os segmentos de sistemas de refrigeração para carnes processadas, concentrados de frutas, óleos vegetais e controle sanitário do setor de alimentos”, conforme mostra artigo divulgado pelo Portal do Exportador. O artigo também aponta estas áreas como de oportunidade para o Brasil, tendo em vista, as taxas de crescimento de 9% ao ano da economia indiana, fato este que conseqüentemente implica em uma classe média altamente consumidora e com maior poder de compra.

Além destas intenções é importante mencionar que empresas indianas interessadas no etanol brasileiro, investiram em torno de US\$ 600 milhões no plantio de cana de açúcar e produção do combustível no Brasil, segundo dados publicados pelo Portal do Exportador. O objetivo do investimento consistiu em conhecer a tecnologia brasileira adotada a motores automotivos “*Flex Full*”, o qual permite a mistura de etanol a gasolina. A Índia “já adiciona 5% de etanol na gasolina, mas não tem carros movidos ao etanol”.

Diante dos fatos e conforme levantamento elaborado pela Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), as maiores possibilidades de aumento das exportações brasileiras para a Índia, estão nas áreas de produtos agrícolas e bens industrializados. Ressaltando que entre os produtos que podem ampliar este comércio estão: os petroquímicos celulares e outros aparelhos de telefonia, bens de informática, equipamentos para terraplanagem, minério de cobre, laminados planos, óleo de soja, couro, carne bovina, laticínios, café, soja em grão e farelo.

Por outro lado, para o aumento das exportações indianas ao Brasil, este deverá incentivar os seguintes produtos: óleos combustíveis, jóias, medicamentos, arroz, autopeças, automóveis, motores de veículos e suas partes, pneumáticos, bens de informática,

tecidos sintéticos, inseticidas e herbicidas, polímeros de etileno, fios de cobre, resinas plásticas, matérias corantes, torneiras e válvulas etc.

Em contrapartida às oportunidades apresentadas, faz-se necessário citar alguns pontos a respeito da oportunidade de comércio entre os dois países, mencionados no estudo. O Potencial de Comércio entre Brasil e Índia, elaborado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), o qual com base nas estruturas de vantagem comparativa dos países verificou-se que o baixo volume de comércio bilateral “pode ser explicado pela distância entre os dois países e por outros fatores como as elevadas tarifas de importação, sobretudo da Índia”.

Além destes fatores também citou que a falta de compatibilidade das estruturas de oferta e demanda entre Índia e Brasil, tendo em vista a pauta de exportação dos países que pouco diferem, ou seja, “a oferta brasileira não combina com a demanda indiana, o mesmo ocorrendo com a oferta indiana e a demanda brasileira”. Logo, fica claro que as demandas por importações entre os dois países são similares e “podem ser atendidas por outros países com maior vantagem comparativa na sua produção e com melhor localização geográfica, conseqüentemente, com menores custos de transporte”, conforme dito no estudo mencionado.

Outro argumento que reforça o baixo desenvolvimento do comércio entre estes países, especialmente no que diz respeito às exportações da indústria brasileira, pode ser verificado no site da Embaixada da Índia no Brasil, onde é apontado como principais barreiras ao desenvolvimento do comércio entre ambos: as dificuldades no domínio dos idiomas, a falta de informação mercadológica, insuficiência de linhas de transporte marítimo adequado e respectivo custos de fretes e a falta de contato entre as entidades promotoras de exportação

dos países. Porém, mesmo perante tantas dificuldades impostas, os dois países tem se mostrado disponíveis em manter suas negociações, assim como, buscam meios para intensificá-las.

CONCLUSÃO

O principal objetivo desse trabalho foi conhecer um pouco mais a Índia, destacando acontecimentos de sua história, a forte influência que a religião exerce sobre a sociedade, sobretudo na divisão das classes sociais, e, além disso, chamar atenção para um país que tem despontado no cenário internacional, como uma economia em desenvolvimento a qual no decorrer dos anos tem se mostrado crescente. E também, apresentar as similaridades existentes no processo de desenvolvimento da Índia e do Brasil, que vão desde a adoção de novas políticas comerciais aos desafios enfrentados por esses, a fim de se inserirem no comércio internacional.

Verificou-se que, tanto a Índia como o Brasil, atualmente, oferecem estabilidade econômica para os seus investidores e que apesar de o Brasil possuir um relacionamento mais representativo com outros países asiáticos há interesse de ambos em intensificar o comércio bilateral (que ainda, pouco representa para estes países), conforme manifestou o Presidente brasileiro e indiano, em missões já ocorridas. A exemplo, vale mencionar o último encontro realizado no início deste ano, onde foi apontado oportunidades de comércio, sobretudo, ressaltando as áreas que estes países devem investir para aquecerem o intercâmbio comercial, foram elas: o segmento de refrigeração para carnes processadas, concentrado de frutas e óleos vegetais.

Não obstante faz-se importante chamar atenção para a necessidade que há destes países discutirem conveniências de maneira pragmática, que visem maximizar as vantagens comparativas que cada um pode oferecer ao outro, assim como, estudar meios que facilitem este comércio, como: promover debates entre estas economias que visem estudar uma logística de transporte mais estratégica, a qual diminua o valor do produto ao chegar ao mercado de destino. Além disso, também é necessário que haja um diálogo que tenha como

objetivo, diminuir um dos grandes entraves desta relação o qual se concentra, nas barreiras tarifárias adotadas tanto pela Índia como pelo Brasil, sem contar que estes necessitam desburocratizar seu sistema comercial, observando que isso facilitaria a implantação tanto de empresas brasileiras atuando no mercado indiano ou vice-versa, assim como, nos processos de exportação e importação.

Por outro lado, é importante mencionar que vale à pena o Brasil investir em uma maior aproximação com a Índia, pois conforme foi mostrado em um estudo realizado pela SECEX, existem duas áreas em que o Brasil pode expandir este comércio que são: produtos agrícolas e bens industrializados, como, laticínios, café, soja em grão e farelo, bens de informática, equipamentos para terraplanagem, minério, cobre e aparelhos de telefonia.

Sem contar, que a atual postura do país frente ao comércio internacional não pode deixar de ser vista, pois, representa uma das maiores taxas de crescimento ao ano em comparação aos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Além do mais, a Índia conta com uma *expertise* tecnológica que muito poderia agregar ao Brasil, isso vale tanto para produtos, como para uma mão-de-obra qualificada, sem contar, que produtos como: óleos combustíveis, jóias, medicamentos, arroz, motores de veículos e suas partes, tecidos sintéticos, fios de cobre e resinas plásticas, também devem ser levados em consideração pois são oportunos para aquecer este comércio e atender a demanda do Brasil.

Por certo, este estudo não pretende esgotar o assunto, porém conduzir a reflexão sobre estas duas economias emergentes, observando as suas similaridades, diferenças e os seus potenciais.

REFERÊNCIAS

ANÁLISE E COMÉRCIO EXTERIOR. **Índia**. Disponível em:
<www.analisecomercioexterior.com.br/comex06/paises/rankparceiros/india/index>. Acesso em: 02 abr. 08.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Indicadores Econômicos Consolidados**. Disponível em:
<<http://www.bcb.gov.br/?INDECO>>. Acesso em: 15 mar.08.

_____. **Investimento Estrangeiro Direto: distribuição por país de origem**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/rex/IED/Port/Ingressos/planilhas/DivulgacaoPaíses07.xls>>. Acesso em: 08 abr. 08.

BANCO MUNDIAL. **Principais características entre os dois países**. Disponível em:
<<http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/HOMEPORTUGUESE/EXTPAISES/EXTLACINPOR/BRAZILINPOREXTN/0,,contentMDK:21351362~menuPK:3817195~pagePK:2865066~piPK:2865079~theSitePK:3817167,00.html>>. Acesso em: 10 mai. 08.

BARÃO EM FOCO. **Economia**. Disponível em:
<<http://www.baraoemfoco.com.br/barao/economia/economia.htm>>. Acesso em: 12 mai. 08.

CHINOY, Sajjid. **The Indian Economy in Global Context**. In: Anne O. Krueger (ed.). Economic Policy Reforms and the Indian Economy. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 2002.

CIA. **The World Factbook: Índia**. Disponível em:
<<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/in.html>>. Acesso em: 02 mar. 08.

CNI. **CNI Lista Produtos com Chances para Exportações para Índia**. Disponível em:
<<http://www.sfiec.org.br/noticias/export-india180705.htm>>. Acesso em: 03 abr. 08.

CONSULADO GERAL DA ÍNDIA NO BRASIL. **Conheça a Índia**. Disponível em:
<<http://www.indiaconsulate.org.br>>. Acesso em: 11 dec. 07.

DICIONÁRIO DE ECONOMIA. **Renda Per Capita**. Disponível em: <<http://dicionario-de-economia.portalmidis.com.br/r/o-que-e-renda-per-capita.htm>>. Acesso em: 12 mai. 08.

EIU. **Country Profile 2007**. Disponível em:
<<http://www.economist.com/countries/India/profile.cfm?folder=Profile-FactSheet>>. Acesso em: 02 abr. 08.

GONÇALVES, Reinaldo. **Economia Política Internacional: fundamentos teóricos e as relações internacionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

GUIA DO EXPORTADOR. **Índia**. Disponível em:
<<http://www.global21.com.br/guiadoexportador/india.asp>>. Acesso em: 02 de abr. 08.

INDI(A) GESTÃO. **Sikh**. Disponível em:
<http://indiagestao.blogspot.com/2005_08_01_archive.html>. Acesso em: 10 mar. 08.

ÍNDIA. MINISTRY OF COMMERCE&INDUSTRY – DEPARTMENT OF COMMERCE. **System on Foreign Trade Performance Analysis (FTPA)**. Disponível em:
<<http://commerce.nic.in/ftpa/default.asp>>. Acesso em: 29 abr. 08.

_____. MINISTRY OF COMMERCE&INDUSTRY. **Fact Sheet on Foreign Direct Investment**. Disponível em: <http://www.dipp.nic.in/fdi_statistics/india_fdi_Dec2007.pdf>. Acesso em: 25 abr. 08.

IPEA. **Estrutura e Dinâmica do Setor de Serviços no Brasil**. Disponível em:
<<http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/estruturadinamica/Apresentacao.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 08.

KRUEGER, Anne O. **Political Economy of Policy Reform in Developing Countries**. Cambridge: The Mit Press, 1993.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Como Exportar para Índia**. Disponível em: <http://www.abimaq.org.br/comercio_exterior/docs/India.pdf>. Acesso em: 02 mar. 08.

_____. Departamento de Promoção Comercial. **Dados Básicos e Principais Indicadores Econômicos – Comerciais – Índia**. Disponível em:
<<http://www.braziltradenet.gov.br/ARQUIVOS/IndicadoresEconomicos/INDIndia.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 08.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. **Missão Empresarial á Índia**. Disponível em:
<<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=1&menu=1810>>. Acesso em: 19 mai. 08.

_____. **Panorama do Comércio Exterior Brasileiro 2007**. Disponível em:
<http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1204750178.pdf>. Acesso em: 15 mar. 08.

MSN ENCYCLOPEDIA. **Tipu Shahib**. Disponível em:
<http://encarta.msn.com/encyclopedia_761570207/tipu_sahib.html>. Acesso em: 05 mar. 08.

NASSIF, André. **A economia Indiana no Período 1950 – 2004 – Da Estagnação ao Crescimento Acelerado: Lições para o Brasil?**. Disponível em:
<http://www.sindlab.org/download_up/td-107.pdf>. Acesso em: 02 mar. 08.

PROTEC: SOCIEDADE BRASILEIRA PRÓ-INOVAÇÃO TECNOLÓGICA. **Brasil é o 2º país onde o Investimento Estrangeiro mais cresce**. Disponível em:
<<http://www.protec.org.br/noticias.asp?cod=853>>. Acesso em: 07 abr. 08.

REVISTA DA MADEIRA. **Economia Indiana Cresce 8% ao Ano**. Disponível em:
<http://www.remade.com.br/pt/revista_materia.php?edicao=94&id=844>. Acesso em: 07 mar. 08.

RODRIGUES, Diego; NUNO, Fernando. **Dicionário Larousse da Língua Portuguesa**. 1. ed. – São Paulo: Larousse do Brasil, 2005.

ROSSI, José Luiz Júnior; FERREIRA, Pedro Cavalcanti. **Evolução da Produtividade Industrial Brasileira e Abertura Comercial**. Disponível em:
<http://www.ipea.gov.br/pub/td/1999/td_0651.pdf>. Acesso em: 05 mar. 08.

SALVATORE, Dominick. **Economia Internacional**. São Paulo: McGraw – Hill, 1978.

SECEX. **Evolução do Comércio Exterior (1990-2007/Janeiro a Setembro)**. Disponível em:
<<http://www2.desenvolvimento.gov.br/arquivo/secex/evocomextbrasil/evolucaocebrasileiro.xls>>. Acesso em: 06 mar. 08.

_____. **Intercâmbio Comercial Brasil – Índia**. Disponível em:
<http://www2.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/intCom_IntBloEconPaíses.php>. Acesso em: 02 abr. 08.

SENE, Eustáquio; MOREIRA, João Carlos. **Geografia Geral do Brasil: espaço geográfico e globalização**. São Paulo: Scipione, 1998.

SILBER, Simão Davi. **Setores Exportadores e Importadores da Índia**. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.fipe.org.br/web/publicacoes/discussao/textos/texto_04_2007.pdf>. Acesso em: 19 mar. 08.

SOARES, Cláudio César. **Introdução ao Comércio Exterior: fundamentos teóricos do Comércio Internacional**. São Paulo: Saraiva, 2004.

UNCTAD. Países que mais atraem Investimento Estrangeiro Direto. Disponível em:
<<http://www.unctad.org/Templates/WebFlyer.asp?intlItemID=4361&lang=1>>. Acesso em: 29 abr. 08.

WIKIPEDIA. **Densidade Populacional**. Disponível em:
 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Densidade_populacional>. Acesso em: 12 mai. 08.

_____. **Força de Trabalho**. Disponível em:
 <http://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho>. Acesso em: 12 mai. 08.

_____. **Geografia da Língua Portuguesa**. Disponível em:
 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_da_l%C3%ADngua_portuguesa> . Acesso em: 04 mar. 08.

_____. **História da Índia**. Disponível em:
 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_%C3%8Dndia> . Acesso em: 15 fev. 08.

_____. **Índia: Cultura**. Disponível em:
 <<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndia#Cultura>>. Acesso em: 20 dec. 07.

_____. **Liga Mulçumana**. Disponível em:
 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_Mu%C3%A7ulmana>. Acesso em: 15 mai. 08.

_____. **Lista dos Países por Índice de Desenvolvimento Humano**. Disponível em:
 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_pa%C3%ADses_por_%C3%8Dndice_de_Developi_mento_Humano>. Acesso em: 21 abr. 08.

ANEXO

Tabela I - As Reformas Econômicas na Índia Pós-1991

Política Industrial		Eliminação do regime de licenciamento industrial, salvo os casos especificados; abertura à competição privada em setores com notório monopólio estatal (por ex.: telecomunicações); e venda de ações de empresas públicas a agentes privados, contanto que continuasse assegurado o controle do governo.
Comércio exterior e câmbio	e	Extinção do regime de licenciamento de importações, exceto para lista negativa de produtos (agricultura e bens de consumo) e redução gradual das tarifas de importação; incentivo à criação de Zonas Especiais de Exportação (ZEEs) e Zonas de Processamento de Exportações (ZPEs), sujeitas às restrições da política industrial indiana; e maxidesvalorização da rupia e criação de mercado dual de câmbio, com um mercado de taxas oficiais e um mercado de câmbio flutuante (1991); unificação cambial com mercado de taxas flutuantes (1993).
Investimento Direto (IED) e movimento de capitais		Liberalização para IED em até 100% do total de ações com direito a voto, salvo setores específicos, para os quais a participação acionária de estrangeiros é proibida ou limitada a um máximo permitido; permissão para investidores institucionais estrangeiros aplicarem em portfólio acionário de companhias indianas, limitado ao máximo de 30% do capital, mas sujeita à aprovação pela Comissão de Câmbio e Valores Mobiliários da Índia; e não-adesão à plena conversibilidade da conta de capitais, notadamente com respeito às restrições à entrada de capitais de curto prazo para aplicação em portfólio no mercado financeiro.
Sistema financeiro e mercado de capitais	e	Adequação gradual dos níveis de capitalização a padrões internacionais (Acordo de Basileia); permissão para licenciamento de novos bancos, condicionado ao requisito mínimo de 1 bilhão de rupias de aporte de capitais; e liberalização da emissão de ações no mercado primário e transferência da regulação do Ministério da Fazenda (pelo Controller) para a Comissão de Câmbio e Valores Mobiliários da Índia.

Fonte: Nassif, André; *A economia indiana no período 1950-2004 – da estagnação ao crescimento acelerado: lições para o Brasil?*; Rio de Janeiro, Janeiro de 2006